

## UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE- EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIÊ

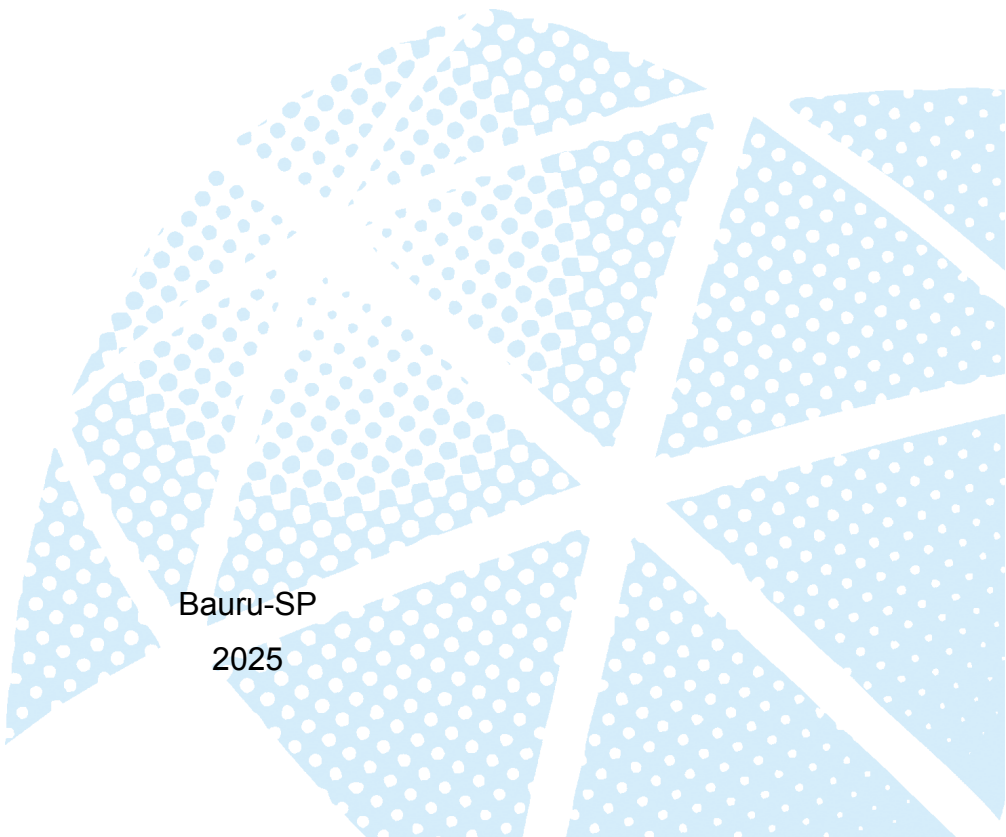


**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP**  
**Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Campus de**  
**Bauru**

**KIANI SALAZAR KAWANO**

**UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE-EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIÊ O**  
**ESTADO DE ATELIÊ**

Bauru-SP  
2025





**KIANI SALAZAR KAWANO**

**UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE-EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIÊ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Bauru, para obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dr. Eliane Patricia Grandini Serrano

Bauru-SP

2025

Kawano, Kiani Salazar.

Um outro caminho para a Arte-Educação: O Estado de Ateliê / Kiani Kawano. – Bauru, 2025  
107 f.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Artes Visuais)-Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Bauru  
Orientador: Eliane Patricia Grandini Serrano

1. Arte. 2. Educação. 3. Estado de Ateliê. 4. Reggio Emilia. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II. Licenciatura em Artes Visuais.

**KIANI SALAZAR KAWANO**

**UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE-EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIÊ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC), Bauru, para obtenção do título de Licenciado (a) em Artes Visuais.

Data da defesa: 11/12/2025

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Eliane Patricia Grandini Serrano  
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Campus de Bauru

---

Prof. Leonardo Silva Maciel  
UNESP - Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) - Campus de Bauru

---

Prof. Vanessa de Oliveira Silva  
UNESP - Instituto de Artes - Campus de São Paulo



## **AGRADECIMENTOS**

No percurso da vida, muito pouco ou quase nada se constrói sozinho, pois o coletivo é intrínseco ao humano. E, por isso, este trabalho também contou com a assistência de diversas pessoas que desejo reconhecer publicamente neste momento.

Primeiro ao Vinícius, agradeço pelos incontáveis momentos de apoio em que você me encorajou e acreditou em mim mesmo quando nem eu acreditava. Por ter sido meu maior companheiro nessa jornada e, de perto, acompanhar todo o caminho dessa pesquisa. Cada refeição que você fez pra nós, nos incontáveis momentos de escrita e dedicação a este trabalho, foi mais do que só alimento, sendo também carinho, presença, amor, afeto, acolhimento e escolha de alguém que se importa, empacotado em formato de prato. E por tanto, serei eternamente grata.

Aos meus pais, agradeço pelo cuidado de uma vida, sempre abraçando meus sonhos e me incentivando a correr atrás dos mesmos e estando presente independente dos desafios.

Aos meus amigos que a faculdade me proporcionou, aqui representados pelo Manassés e Angélica, agradeço por todas trocas e reflexões que tivemos ao longo desses cinco anos. Cada trabalho, leitura, conversa que tivemos me trouxe até este lugar e fazem parte de quem sou hoje. Obrigada por serem ombro amigo e se disporem a ouvir não só minhas alegrias e conquistas, mas também meu choro e reclamação todas vezes que foram necessárias.

Aos meus demais amigos e amigas da vida, aqui significados pela Rafaela e Gabriela, obrigada por serem lugar seguro de desabafo e incentivo, por ficarem felizes pela minha felicidade e se fazerem sempre próximos, me acompanhando neste e tantos outros momentos que já vivemos e ainda vamos viver.

À minha orientadora que no curso, carinhosamente, chamamos de Pat, agradeço pela receptividade às minhas ideias mirabolantes, a atenção dedicada a este projeto e por todas colocações muito bem delimitadas e coerentes acerca deste estudo.

Ao Léo e Vanessa, agradeço primeiramente pelo tempo investido na leitura e presença nesta banca, além do empenho em somar suas contribuições à esta pesquisa.

A todos vocês, meu coração transborda de amor.

À UNESP, agradeço a resistência em permanecer uma universidade pública, gratuita e de qualidade, se destacando entre as melhores do país, porque sem essa possibilidade, eu e tantos outros universitários não teríamos a oportunidade de sermos graduados.

Por fim, sou muito grata a mim mesma. Pois somente quem trabalha e estuda pode saber as inúmeras renúncias que fazemos em prol deste objetivo maior. São fins de semana de trabalho não remunerado, horários de almoço sem descanso, férias que viram estágios, noites mal dormidas, aniversários e comemorações que não participamos, lazer e viagens deixadas para outros momentos. E só eu sei o caminho tortuoso – por horas, dolorido – que passei. E por isso, agradeço por todas minhas versões anteriores que se sacrificaram e caminharam até aqui, para que, hoje, eu pudesse me tornar arte-educadora.

Com o sentimento de um trabalho devidamente bem realizado, encerro aqui meus agradecimentos. Obrigada!

“Não sei como preparar o educador. Talvez porque isso não seja nem necessário, nem possível... É necessário acordá-lo. E aí aprenderemos que educadores não se extinguiram [...] mas permaneçam com memórias de um passado que está mais próximo do nosso futuro que o ontem. Basta que os chamemos do seu sono, por um ato de amor e coragem. E talvez, acordados, repetirão o milagre da instauração de novos mundos.”

*Rubem Alves*

## RESUMO

Essa pesquisa refere-se à possibilidade de pensar a educação de arte brasileira a partir da perspectiva de Estado de Ateliê, na qual a aprendizagem se baseia por meio de experiências e investigações, mesmo que o espaço físico do ateliê seja inexistente nas escolas. Para isso, introduz-se um referencial teórico que aborda a arte-educação, a experiência estética, a abordagem Reggio Emilia (responsável por inserir o conceito de ateliê no campo educacional), o Estado de Ateliê e seus principais pilares: tempo, espaço, materialidade, corpo e linguagens. Depois, para aproximar teoria e prática, apresenta-se sete exemplos de experiências de ateliê/e ou de estado de ateliê, realizadas em escolas e espaços de educação não formal brasileiros. Por fim, o trabalho também investiga as práticas educativas de artes no município de Bauru e sua relação com os conceitos do Ateliê e Estado de Ateliê por meio de um questionário aplicado aos professores da cidade, interpretando e analisando suas respostas. Então, a partir disso, é desenvolvido um pequeno material educativo destinado aos arte-educadores da educação básica para apresentar as contribuições deste estudo de uma forma acessível.

**Palavras-chave:** Arte; Educação; Estado de Ateliê; Reggio Emilia.

## ABSTRACT

This research explores the possibility of rethinking brazilian art education through the perspective of the *Atelier State*, in which learning is grounded in experiences and investigations, even when the physical space of an atelier is absent in schools. To support this discussion, a theoretical framework is introduced, addressing art education, aesthetic experience, the Reggio Emilia approach (responsible for bringing the concept of the atelier into the educational field), the Atelier State, and its main pillars: time, space, materiality, body, and languages. To bridge theory and practice, seven examples of atelier practices and/or states of atelier conducted in brazilian schools and non-formal educational spaces are presented. Finally, the study investigates art education practices in the municipality of Bauru and their relationship with the concepts of the Atelier and the Atelier State through a questionnaire administered to local teachers, whose responses are interpreted and analyzed. Based on these findings, an educational booklet is developed for basic education art educators, aiming to present the contributions of this research in an accessible format.

**Keywords:** Art; Education; Atelier State; Reggio Emilia.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                                                                               |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Cosmococa/CC1 Trashiscapes, 1973, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida_____                                                       | 21 |
| Figura 2 – Cosmococa/CC2 Onobject, 1973, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida _____                                                          | 21 |
| Figura 3 – Cosmococa/CC3 Maileryn, 1973, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida_                                                               | 21 |
| Figura 4 – Cosmococa/CC4 Nocagions, 1973, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida_                                                              | 22 |
| Figura 5 – Cosmococa/CC5 Hendrix-War, 1973, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida                                                             | 22 |
| Figura 6 – Montagem: Crianças investigam a linguagem da sombra de um pássaro de papel colocado na janela, em uma escola de Reggio Emilia_____ | 24 |
| Figura 7 – Uma garota explorando projeções de luz e cor, no ateliê da Escola La Villetta, em Reggio Emilia_____                               | 25 |
| Figura 8 – Loris Malaguzzi amarrando o sapato de uma criança em uma visita à pré escola Diana_____                                            | 26 |
| Figura 9 – Andy Warhol na Factory_____                                                                                                        | 26 |
| Figura 10 – Andy Warhol trabalhando na Factory_____                                                                                           | 27 |
| Figura 11 – Física Enquanto ARTE, 2018 / 2020 / 2021, de Artur Barrio_____                                                                    | 28 |
| Figuras 12, 13 e 14 – Ateliê de Pintura e Gravura da UNESP câmpus Bauru_____                                                                  | 29 |
| Figura 15 – O ateliê da escola Pablo Neruda, na Itália_____                                                                                   | 30 |
| Figuras 16, 17, 18, 19 e 20 – Ateliê do artista Guto Lacaz_____                                                                               | 37 |
| Figura 21 – Abajur branco,_____                                                                                                               | 38 |
| 1990/2024, objeto, 37 x 15 cm_____                                                                                                            | 38 |
| Figuras 22, 23, 24 e 25 – Festa de de dez anos do Ateliê Binah em São Paulo____                                                               | 45 |
| Figura 26 – Montagem de projetos para criar pontes_____                                                                                       | 47 |
| Figuras 27, 28 e 29 –_____                                                                                                                    | 47 |
| A ponte mais comprida do mundo - Pontes de madeira_____                                                                                       | 47 |
| Figuras 30 e 31 – Pontes que flutuam - Pontes Aéreas (e de metais)_____                                                                       | 48 |
| Figura 32 e 33 – Pontes coloridas e luminosas_____                                                                                            | 49 |
| Figuras 34 e 35 – Pontes movediças (na areia)_____                                                                                            | 49 |
| Figura 36 – Instalação Vermelha no Ateliê Binah_____                                                                                          | 50 |
| Figura 37 – Desvio para o vermelho I: Impregnação, Cildo Meireles, 1967-84, materiais diversos, dimensões variáveis_____                      | 51 |
| Figura 38, 39, 40 e 41 – Banquete Vermelho_____                                                                                               | 51 |
| Figura 42 e 43 – A Invenção dos Vermelhos_____                                                                                                | 52 |
| Figura 44 – Montagem: O que é vivo?_____                                                                                                      | 54 |
| Figura 45 – Montagem: O que é vivo se alimenta_____                                                                                           | 55 |
| Figuras 46 e 47 – Investigação sobre pássaros_____                                                                                            | 56 |
| Figuras 48 e 49 – Criando pássaros e suas casas_____                                                                                          | 57 |
| Figuras 50 e 51 – Passarinhas_____                                                                                                            | 57 |
| Figuras 52 e 53 – Registros de uma heterotopia_____                                                                                           | 58 |

|                                                                                            |    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figuras 54, 55 e 56 – Referências apresentadas aos educandos_____                          | 59 |
| Figuras 57 e 58 – Retratos de Impulso dos artistas em formação_____                        | 60 |
| Figura 59 – The Value of a Line, de Heather Hansen, na Galeria Ochi em Ketchum, Idaho_____ | 61 |
| Figura 60 – A dança do Carvão_____                                                         | 61 |
| Figuras 61, 62, 63, 64, 65 e 66 – Banho de tinta ou lembranças coloridas_____              | 62 |
| Figura 67 – Teste Material Educativo Impresso_____                                         | 82 |
| Figura 68 – Contracapa e Capa do Material Educativo_____                                   | 83 |
| Figura 69 – Páginas 1 e 2 do Material Educativo_____                                       | 83 |
| Figura 70 – Páginas 3 e 4 do Material Educativo_____                                       | 84 |
| Figura 71 – Páginas 5 e 6 do Material Educativo_____                                       | 84 |
| Figura 72 – Material Educativo Inteiramente aberto_____                                    | 85 |
| Figura 73 – Montagem das Referências do Encontro_____                                      | 87 |

|                                                                        |    |
|------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Salas de Arte na Escola Pública Brasileira_____            | 31 |
| Gráfico 2 – Salas de Arte na Escola Particular Brasileira_____         | 31 |
| Gráfico 3 – Salas de Arte na Escola Pública Estadual de São Paulo_____ | 32 |
| Gráfico 4 – Formação acadêmica_____                                    | 68 |
| Gráfico 5 – Tempo de atuação_____                                      | 68 |
| Gráfico 6 – Etapa de Ensino_____                                       | 68 |
| Gráfico 7 – Rede de Ensino_____                                        | 69 |
| Gráfico 8 – Salas de Arte/Ateliê_____                                  | 70 |
| Gráfico 9 – Familiaridade com conceito de Ateliê_____                  | 78 |
| Gráfico 10 – Formação Continuada_____                                  | 79 |
| Gráfico 11 – Formação específica em Ateliê_____                        | 79 |

|                                                                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Quadro 1 – Ranking das 5 melhores Unidades Federativas com Salas de Arte____                                                | 32 |
| Quadro 2 – Escola x Espaços_____                                                                                            | 71 |
| Quadro 3 – Como você organiza o espaço em suas aulas de Arte?_____                                                          | 71 |
| Quadro 4 – Quais materiais você mais utiliza em suas aulas de arte? De que forma costuma explorá-los com os educandos?_____ | 74 |
| Quadro 5 – Como você compreende e organiza o tempo em suas aulas de arte?_                                                  | 76 |
| Quadro 6 – Principais Desafios_____                                                                                         | 80 |

|                                                 |    |
|-------------------------------------------------|----|
| Fluxograma 1 – Desenvolvimento da Pesquisa----- | 67 |
|-------------------------------------------------|----|



## SUMÁRIO

|                                                                        |            |
|------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1. INICIANDO O CAMINHAR</b>                                         | <b>15</b>  |
| <b>2. CAMINHOS QUE COMPÕE ESTA ESCRITA — REFERENCIAL TEÓRICO</b>       | <b>19</b>  |
| 2.1. O Caminho da Arte                                                 | 19         |
| 2.2. Caminhar Experienciando – Experiência Estética em Arte            | 20         |
| 2.3. Um caminho até a Itália – Reggio Emilia                           | 23         |
| 2.4. Caminhos que levam a aberturas – O Ateliê                         | 26         |
| 2.4.1. ESTADO DE ATELIÊ                                                | 33         |
| 2.4.2. ESPAÇO                                                          | 34         |
| 2.4.3. TEMPO                                                           | 35         |
| 2.4.4. MATERIALIDADE                                                   | 36         |
| 2.4.5. LINGUAGENS                                                      | 39         |
| 2.4.6. CORPO                                                           | 40         |
| 2.5. Um breve desvio do caminho – Educação Menor                       | 41         |
| <b>3. CAMINHOS JÁ TRILHADOS – EXEMPLOS REAIS DE PRÁTICAS DE ATELIÊ</b> | <b>45</b>  |
| 3.1. Construindo Pontes                                                | 46         |
| 3.2. Desvio Experiencial para o Vermelho                               | 50         |
| 3.3. Observatório do Vivo                                              | 53         |
| 3.4. Onde moram os pássaros – Mini História                            | 56         |
| 3.5. Uma carta respingada de tinta a lá Jackson Pollock                | 58         |
| 3.6. A poética e dança do Carvão                                       | 59         |
| 3.7. Memórias da Formação Prática Acadêmica                            | 62         |
| <b>4. CAMINHOS QUE CHEGAMOS – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS</b>    | <b>65</b>  |
| 4.1. Arte-Educação e Práticas Educativas de Bauru                      | 65         |
| 4.2. Material Educativo                                                | 81         |
| 4.3. Aspirações Futuras – Encontro para Arte-Educadores                | 86         |
| <b>CAMINHOS QUE SE ABREM - CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>                    | <b>88</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS</b>                                                     | <b>91</b>  |
| <b>REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS</b>                                       | <b>95</b>  |
| <b>APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b>         | <b>98</b>  |
| <b>APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA</b>                           | <b>100</b> |
| <b>APÊNDICE C – MATERIAL EDUCATIVO FRENTE E VERSO</b>                  | <b>102</b> |
| <b>ANEXO A – AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA</b>                          | <b>104</b> |
| <b>ANEXO B – CARTA DE UM ATELIÊ</b>                                    | <b>107</b> |



iniciando o caminhar

## 1. INICIANDO O CAMINHAR

Se “escrever é arriscar-se” (Diniz, 2025, p. 147), atrevo-me a iniciar esta pesquisa esclarecendo o que me motivou a produzi-la nestes termos, em primeira pessoa: primeiro, a coragem de trazer à tona a própria vulnerabilidade; depois, para que eu, assim como aprendi com Rubem Alves (2001), possa dizer com honestidade sobre a minha perspectiva, procurando me manter distante de um preciosismo acadêmico e impessoal, longe de uma possível arrogância e longe dessa pretensão da universalidade, na qual não confio, pois minhas palavras são carregadas de parcialidade de minhas subjetividades. Por fim, porque esse discurso está ligado ao corpo, porque o corpo só fala assim no eu (Alves, 2001).

Então, parece-me fazer sentido introduzir os encontros pelos quais esta pesquisa caminhou, o caldo formativo (Barbieri, 2021) que me trouxe aqui. Para isso, começo recorrendo às lembranças dos jogos de papéis<sup>1</sup> da infância, que em tom de brincadeira, encenava ser professora e, desde muito nova, houvera o desejo.

Ainda no campo das memórias, lembro-me do encontro com a escola – ao lado do terminal rodoviário, às margens do rio da pequena cidade que cresci. Ali, no chão dessa escola e de outras tantas que passei ao longo da formação, pude experimentar um espaço em que histórias, desenhos, conversas, trocas e experiências, e depois a escrita, a leitura e as aprendizagens me foram inauguradas e também me tornaram quem sou.

Por fim, encontrei-me com a arte no início da vida adulta, na oportunidade de mudança de cidade para uma grande capital e através do ensino de um ofício ligado às artes. E lembro-me do êxtase ao estudar movimentos que propunham rupturas como o Impressionismo ou Dada<sup>2</sup>, a vivência na Factory, de Andy Warhol<sup>3</sup> ou o entrelaçamento entre arte e vida nas experiências proposto por Oiticica<sup>4</sup>.

Nesse percurso, conheci, assim, numa conversa casual, Reggio Emilia<sup>5</sup>, na Itália e de repente tudo me pareceu conectado. Todo esse trajeto me foi faísca e me

---

<sup>1</sup> Refere-se à atividade guia de jogos de papéis presente no desenvolvimento da criança, explorada por estudos de Vygotsky e Elkonin.

<sup>2</sup> Movimentos artísticos das vanguardas européias do século XIX e XX.

<sup>3</sup> Estúdio do artista Andy Warhol em Nova York, famoso por ser um centro criativo e um ponto de encontro social para artistas, músicos, celebridades e a boemia da década de 1960.

<sup>4</sup> O artista brasileiro Hélio Oiticica buscava romper as barreiras entre a arte tradicional e o cotidiano, transformando o espectador em um participante ativo e promovendo uma experiência sensorial, corporal e coletiva, como ocorre em sua série *Parangolés*.

<sup>5</sup> Refere-se a abordagem pedagógica italiana Reggio Emilia, que será abordada posteriormente na pesquisa.

trilhou até a arte-educação e este presente momento: da conclusão desse ciclo. Aspiro, a partir deste fim e deste meio, me encontrar não como professora, mas como educadora, já que ser professora engloba a profissão, enquanto ser educadora se apresenta como uma vocação esperançosa (Alves, 2001), e dado o nosso tempo, é preciso esperar (Freire, 1992).

Assim, este estudo se propõe um esperar acerca da arte-educação, a partir de uma perspectiva outra: que empresta da abordagem pedagógica de Reggio Emilia, o ateliê – espaço físico concebido para processos, investigações e experiências educativas e artísticas – mas buscando também adaptá-lo à realidade educativa brasileira, que possui seus desafios e na qual muitas escolas se encontram distantes de possuir um espaço concreto e pensado para tal prática.

Esta afirmação é embasada também no dado de Almada (2024) de que apenas 3% das escolas públicas brasileiras possuem salas de arte, conforme apresentado em seu relatório “O lugar da arte – a presença de salas de arte nas escolas brasileiras” que é melhor esmiuçado no segundo capítulo.

Por isso, diante da inexistência de ambientes específicos para práticas de arte e de ateliê na maioria das escolas brasileiras, proponho pensar o ensino de Arte a partir da perspectiva do Estado de Ateliê — ainda pouco explorado e, muitas vezes, conhecido de forma superficial pelos arte-educadores — aplicando seus conceitos e desdobramentos como possibilidades pedagógicas a serem desenvolvidas nos espaços disponíveis no contexto escolar.

Complementando o proposto acima, foi pertinente investigar também de que forma o Estado de Ateliê está presente no ensino de arte de Bauru, município em que esta pesquisa ocorre, e como seus conceitos são aplicados por arte-educadores, tendo esta questão como ponto de partida para desenvolver este trabalho.

Portanto, para apoiar tal estudo, conto com as investigações anteriores e suporte teórico de autores como John Dewey, em *Arte como experiência* (1934) e Jorge Larrosa, em *Notas sobre a experiência e o saber da experiência* (2002), acerca da experiência estética; textos sobre Reggio Emilia e escritos sobre a Educação Menor, a respeito da possibilidade de uma educação outra; Stela Barbieri, com suas vivências no Ateliê Binah e seus livros *Territórios da invenção: Ateliê em movimento* (2021) e *Territórios em Transformação* (2024); as dissertações *ATELIÊ (DES)EDUCADOR* (2022), de Fernanda Oliveira, *Relatos de Experiências e Estética*

*no Ateliê: Narrativas e o Processo de Desenvolvimento e Aprendizagem na Educação Infantil* (2021), de Bianca Neves e *UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA: Possibilidades e Desafios* (2024), de Vanessa de Oliveira Silva, que colaboram com exemplos de Ateliês e Estado de Ateliê.

Além disso, esta pesquisa também aspira contribuir com a formação de professores a respeito deste tema, desenvolvendo um material educativo com provocações sobre ateliês e a educação artística no Brasil e, também, no futuro, um encontro presencial para os arte-educadores do município de Bauru (SP), numa tentativa de transformar o conhecimento acadêmico em algo acessível, capaz de provocar sacudidas e acordar nossos educadores (Alves, 2001).

Assim, para atingir tais objetivos, fez-se necessário, inicialmente, realizar uma série de pesquisas em repositórios, a fim de encontrar os autores que dialogassem com o estudo e já citados acima. Além disso, realizar leituras, fazer fichamentos e memorandos destes textos encontrados, para poder, desta maneira, formar o referencial teórico desta pesquisa, que se encontra presente no segundo capítulo deste texto.

Depois, no terceiro capítulo, foi preciso trazer ateliês existentes no Brasil, apresentando suas atividades e práticas, para oferecer exemplos reais e possibilidades outras para a educação brasileira, afim de inspirar e entusiasmar os futuros leitores deste trabalho. Ao total, foram apresentados sete relatos de práticas realizadas em escolas e/ou espaços de educação não formal que tem afinidade com o Ateliê e seu estado.

No quarto e último capítulo, também olhei para a educação bauruense, por meio de um questionário enviado aos professores da cidade, visando entender como se dão as práticas pedagógicas em Bauru, por meio da Arte. Todo esse conteúdo possibilitou obter referências e dados suficientes para criar o material educativo final desta pesquisa para arte-educadores.

O estudo apresenta ao longo de seu curso uma estética própria pensada a partir da linguagem que eu – artista/autora/escritora/educadora – desenvolvi ao longo da vida: colagens, por vezes analógicas, por vezes digitais, utilizadas como forma de conectar os pontos e, por esse motivo, o trabalho estético apresenta diversos fragmentos de mapas como elemento compositivo.

Por fim, gosto de pensar neste trabalho como um convite. Bem-vinda (o/e) ao ateliê: deixe a porta aberta ao entrar (Oliveira, 2022).





caminhos que compõe esta  
escrita – referencial teórico

## **2. CAMINHOS QUE COMPÕE ESTA ESCRITA — REFERENCIAL TEÓRICO**

Neste capítulo, apresento os caminhos que esta pesquisa se inspirou, encontrando referências que colaboraram para pensar e desenvolver este trabalho.

### **2.1. O Caminho da Arte**

Diante da complexidade do mundo atual, amplamente digitalizado e em grande escala virtual, temos vivido, ao longo dos últimos anos, uma aceleração crescente: nosso tempo corre diferente. Estamos viciados na velocidade de novidades vãs e sobrepondo acontecimentos, sem que de fato nos conectemos a eles, quem dirá memorá-los.

Sobretudo após período pandêmico, em que devido às condições de isolamento, expandimos a utilização e apreço pelas tecnologias, somos constantemente inundados de imagens e informações, por meio do acesso ininterrupto à internet, através dos nossos celulares e telas. E se muito informados, possivelmente estamos cada vez mais distantes de que algo nos aconteça – a experiência – pois a informação é quase uma anti-experiência (Larrosa, 2002), da qual falaremos mais adiante.

Em um tempo tão fugaz, a Arte pode se apresentar como um caminho outro, uma pausa, uma quebra, pois nos convida a uma apreciação e/ou experiência estética, um olhar atento e sensível para os objetos artísticos e o mundo que os circunda. Ela nos devolve ao que nos é mais elementar: nossa humanidade, e indo além, nos convoca a refletir criticamente sobre a sociedade e cultura a qual estamos inseridos. E isso torna a arte necessária não apenas para vida, mas também para a educação, no cerne da formação de pessoas.

A arte oferece à aprendizagem um outro tônus, uma vez que ela constitui furos na normalidade, possibilitando questionar a realidade e presenciar experiências, percebendo as coisas não como dadas e prontas mas em constante construção e desconstrução (Barbieri, 2021).

E assim, desde a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1971 (LDB 5692/71<sup>6</sup>), a disciplina de Artes passou a integrar o currículo da educação básica, objetivando valorizar a criatividade e expressão dos educandos (Fusari; Ferraz, 2001). E até hoje o ensino de arte nas escolas é fundamental, uma vez que

---

<sup>6</sup> Posteriormente foi revogada e substituída pela LDB 9394/96.

corroborar para o desenvolvimento social e emocional da criança e adolescente, estimulando a imaginação e inventividade e elaborando suas emoções.

Para a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação básica brasileira, a educação artística curricular deve contemplar as linguagens das artes visuais, dança, música e teatro. Além disso, através destes campos artísticos, favorecer “a sensibilidade, a intuição, o pensamento, as emoções e as subjetividades se manifestam como formas de expressão no processo de aprendizagem em Arte” (Brasil, 2018, p. 193).

Dessa forma, é relevante que pensemos a arte—educação também a partir de experiências e vivências artísticas como prática social, em que os educandos possam ser protagonistas deste processo (Brasil, 2018).

Por isso, refletir sobre o ensino de arte é refletir também sobre o lugar da experiência, como ela se dá e toda potencialidade que ela pode proporcionar aos educandos e espaço educativo.

## **2.2. Caminhar Experienciando – Experiência Estética em Arte**

Quando me debruço sobre esse assunto, logo me vem à memória a lembrança de quando pude visitar a galeria Cosmococa, de Hélio Oiticica e Neville D’Almeida, em 2019, no Inhotim – o maior museu a céu aberto da América Latina – em Brumadinho-MG. Este espaço contempla cinco Cosmococas: Trashiscapes (Figura 1), Onobject (Figura 2), Maileryn (Figura 3), Nocagions (Figura 4) e Hendrix-War (Figura 5), nas quais os artistas criaram intervenções espaciais – ambientes que buscam envolver os sentidos do corpo através de projeções visuais, efeitos sonoros, objetos táteis e convidativos, como redes, colchões, bexigas e até uma piscina gelada. O público deixa de ser um mero espectador da obra e é convocado a ser participante, sendo atravessado e/ou tocado por ela.

Esta vivência foi, para mim, um acontecimento, uma experiência: primeiro porque já admirava o artista e a obra. Depois, porque ela provocou em mim uma pausa para sentir.





**Figura 1 – Cosmococa/CC1**  
Trashiscapes, 1973, de Hélio Oiticica e  
Neville D'Almeida

**Fonte:** Mansur (s/d).



**Figura 2 – Cosmococa/CC2**  
Onobject, 1973, de Hélio  
Oiticica e Neville D'Almeida

**Fonte:** Gomes (s/d).

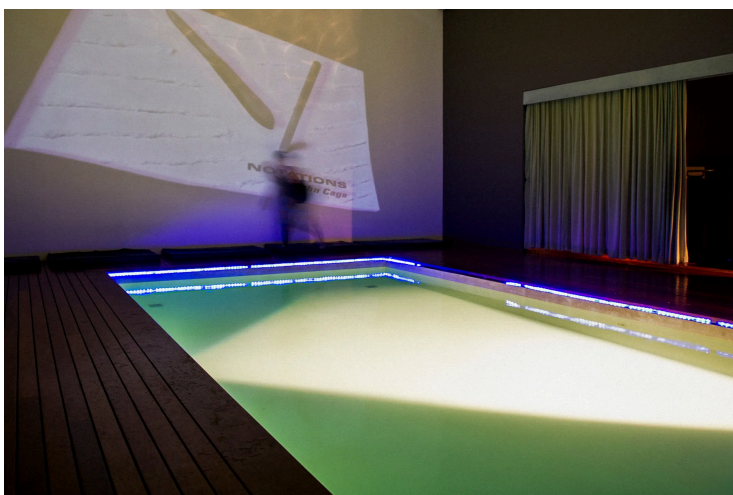


**Figura 3 – Cosmococa/CC3 Maileryn, 1973, de**  
Hélio Oiticica e Neville D'Almeida

**Fonte:** Mansur (s/d).

**Figura 4 –**  
Cosmococa/CC4 Nocagions,  
1973, de Hélio Oiticica e Neville  
D’Almeida

**Fonte:** Gomes (s/d).



**Figura 5 –**  
Cosmococa/CC5 Hendrix-War,  
1973, de Hélio Oiticica e Neville  
D’Almeida

**Fonte:** Sávio (s/d).



E é essa troca entre objeto artístico (a galeria Cosmococa) e o espectador (eu, nesse caso), que Dewey (2010), vai chamar de Arte. Para ele, a obra de arte apenas atinge sua completude ao servir de experiência a outrem que não seja o artista criador. Além disso, o autor acredita que a arte encontra-se intrinsecamente ligada à vida, pois ocorre através de experiências estéticas entre o sujeito e o mundo. Assim, é no próprio processo de viver – de modo consciente, no momento presente e por meio dos sentidos – que as experiências singulares e estéticas e a própria arte ocorrem (Dewey, 2010).

Já Virgínia Kastrup (2010) vai nos dizer que a Experiência Estética proporciona uma sensação muito mais de estranhamento do que de mero reconhecimento. A experiência nos provoca uma suspensão do ordinário – propondo surpresas, espantos, pensamentos e afetamentos na nossa percepção do viver.

Empresto uma última colaboração acerca do tema do pedagogo espanhol Jorge Larrosa (2002) que nos diz que

a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Assim, também tem-se o sujeito da experiência – que é um território de passagem, uma superfície sensível aos acontecimentos ao permitir e permear a experiência, ficando consigo alguns afetos, efeitos e vestígios. E sendo sujeito da experiência, produzimos o saber da experiência a partir dessas marcas, construindo sentido ao que nos acontece, sentido este singular e próprio de quem o vive (Larrosa, 2002).

É por meio da produção desse saber que é possível apropriar-se da vida, isto é, da nossa existência. E foi assim que eu me senti ao conhecer Inhotim e viver essa experiência – viva, atravessada, afetada e tocada seja por Oiticica e suas Cosmococas ou por Cildo Meireles ou por Adriana Varejão ou Yayoi Kusama ou Lygia Pape e demais artistas que me tornaram sujeita da experiência – e como tal, acumulo estes estranhamentos e espantos, saberes e trocas que me permitem caminhar até a elaboração desta pesquisa.

E se a experiência produz um saber e está essencialmente ligada à arte e à vida, por que não pensamos uma educação em arte também por meio da experiência estética? Isso foi o que Loris Malaguzzi buscou em sua escola, por meio da abordagem pedagógica italiana Reggio Emilia, que será apresentada a seguir.

### **2.3. Um caminho até a Itália – Reggio Emilia**

Após a Segunda Guerra Mundial, uma comunidade fragilizada, em meio à destruição deixada pelo conflito, decidiu construir uma escola local, com a esperança de proporcionar um futuro melhor para suas crianças. Sob a liderança do educador Loris Malaguzzi, essa pequena província no norte da Itália, na região da

Emilia-Romanha, denominada como Reggio Emilia, tornou-se mundialmente reconhecida por sua abordagem pedagógica infantil, que leva o mesmo nome.

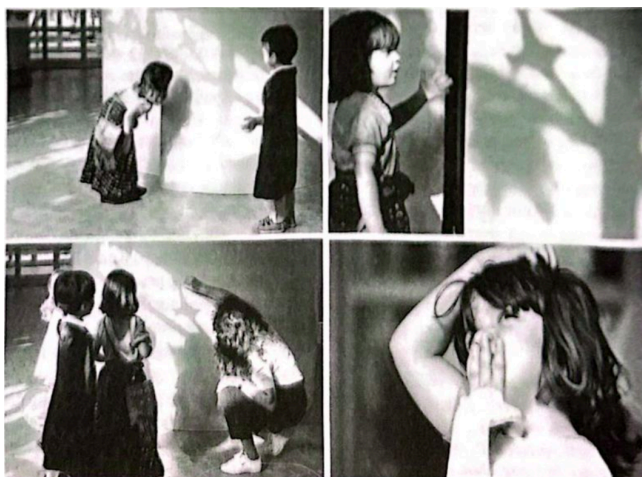
Esta metodologia destaca-se principalmente pelo foco nos processos de aprendizagem e não somente no conteúdo final avaliado. Ela leva em consideração o protagonismo dos estudantes, pensando a educação por meio do interesse e das múltiplas linguagens da criança, que surgiram a partir de um poema de seu idealizador: As cem linguagens da criança (Anexo A). Além disso, Reggio Emilia inclui em seu método a organização estética e dos espaços como aliados e parte do percurso educativo e busca promover, através de investigações e trocas entre professores e educandos, experiências estéticas que enfatizem essa aprendizagem e priorizem os interesses das crianças. Assim,

a ênfase se dá no estabelecimento de relações significativas e emocionais com a matéria estudada, o conteúdo do projeto, e recai mais na criação de significado por meio da invenção de símbolos, do que na tradução da escrita em palavras, das notações matemáticas em alguns ritmos corretos ou partituras de uma apresentação com violino. As crianças escrevem de muitos modos, incluindo movimentos, pinturas, esculturas e animações de computador. (Edwards; Gandini; Forman, 2016, p. 25)

É por meio dessas vivências e da representação simbólica que a abordagem é capaz de promover o desenvolvimento intelectual infantil, desde a mais tenra idade. Nesse universo, as crianças são incentivadas a se expressarem por meio de linguagens diversas, tais como expressiva, comunicativa, simbólica, cognitiva, ética, metafórica, lógica, imaginativa e relacional, além de também serem convocadas a exploração espacial, que para esta metodologia, é parte constitutiva da educação (Reggio, 2010).

**Figura 6 – Montagem:**  
Crianças investigam a linguagem da  
sombra de um pássaro de papel  
colocado na janela, em uma escola  
de Reggio Emilia

**Fonte:** Edwards; Gandini;  
Forman (2016, p. 304).





Outro ponto importante é que em Reggio, a educação acontece em conjunto com a comunidade enquanto uma atividade agregada de partilha cultural – reflexo de uma cidade que possui sua sociedade cívica marcada pela democracia participativa e relações sociais horizontais (Edwards; Gandini; Forman, 2016). Além disso, as práticas educativas são marcadas por documentações diárias realizadas pelos professores e atelieristas<sup>7</sup>: “São registros feitos através de imagens, fotos, vídeos, áudios, relatos escritos que juntos formam um portfólio capaz de passar para o adulto, família e comunidade o olhar da criança” (Neves, 2021, p. 119). Uma cartografia<sup>8</sup> que mapeia memórias, processos e rastros de experiências compartilhadas entre educadores e educandos.

Há ainda um grande destaque para a arte, fundamentalmente formada por linguagens: sejam elas a dança, o teatro, as visualidades ou a música, pois a partir dela é possível promover a relação da criança com o mundo e criar significados para ele a partir da troca entre o sujeito e o mundo: o experienciar (Neves, 2021).



**Figura 7** – Uma garota explorando projeções de luz e cor, no ateliê da Escola La Villetta, em Reggio Emilia

**Fonte:** Gandini *et al.* (2012).

Assim, nesse sentido, Malaguzzi propôs que existisse um lugar outro na escola. investigativo, que instigasse a pesquisa sobre os processos de significação da criança e do adulto, que valorizasse a expressão das crianças através de múltiplas linguagens, da arte, de materiais diversos, tempo diferente e corpos presentes: o Ateliê. (Gandini *et al.*, 2012).

---

<sup>7</sup> O termo “atelierista” refere-se a profissão criada para profissionais do ateliê, cuja origem remete às escolas de Educação Infantil de Reggio Emilia, na Itália (Figueiredo, 2015, p. 18).

<sup>8</sup> Método de pesquisa que investiga a processualidade e o processo de produção de subjetividade (Passos; Kastrup; Escóssia, 2009).

Este lugar adicional agrega à escola um território de descobertas e construção de sentido: incentivando o pensamento e a imaginação e possibilitando que o fazer e o sentir ocorram de maneira conjunta.



**Figura 8** – Loris Malaguzzi amarrando o sapato de uma criança em uma visita à pré escola Diana

**Fonte:** Edwards; Gandini; Forman (2016, p. 74).

#### 2.4. Caminhos que levam a aberturas – O Ateliê

Se fizermos o exercício de pensar no ateliê, as primeiras imagens que virão à nossa cabeça terão algo a ver com a Arte Visual e artistas. Lembro-me de assistir *Factory Girl*<sup>9</sup> e me deslumbrar com aquele grande galpão em Nova York, onde Andy Warhol e outros artistas viveram e criaram obras, a *Factory* (Figura 9 e 10).



**Figura 9** – Andy Warhol na Factory

**Fonte:** Masterworks ([1970]).

<sup>9</sup> Filme de drama de 2006, dirigido por George Hickenlooper, sobre a socialite Edie Sedgwick e sua ascensão e queda após se tornar uma musa do artista Andy Warhol.

**Figura 10** – Andy Warhol trabalhando na Factory

**Fonte:** Gloaguen (1966).



Ao pesquisarmos sobre sua origem, O ateliê, historicamente, surge no século XIII a partir das produções de iluminuras na Idade Média (Zordan, 2019). Porém, a palavra tem sua origem apenas no século XIV, na França, derivando do latim e com forte relação ao trabalho com a madeira – *Tailler*, talhar em francês. Assim, desde sua criação, esteve atrelado ao espaço trabalho de artistas, artesãos, marceneiros, etc., conforme apresentado no livro *A vida íntima das palavras* (2002), de Deonísio da Silva:

[...] do latim *astula*, pedaço de madeira ou pedra, passando pelo francês *atelier*, redução de *tasd'éclats* de bois, monte de pedaços de madeira. Em suas origens no século XIV, a palavra designava lugar bagunçado. Por isso, o recinto onde trabalhavam os artistas era conhecido também como *chantier*, canteiro de obras, depósito (Silva, 2002, p. 28).

Desde então, o ateliê passou por diversos momentos que acompanhou as mudanças e rumos da arte. Por exemplo, a partir da década de 60 e 70, no cenário artístico mundial, mas especialmente nos Estados Unidos, houve uma grande efervescência cultural e movimentos artísticos voltados para performances, *happenings*, instalações – com nomes como Grupo Fluxus, Joseph Beuys, John Cage, Allan Kaprow, Marina Abramovic – que instigavam uma ampliação da relação entre arte e vida e que trouxeram para o campo da arte um forte caráter experimental.



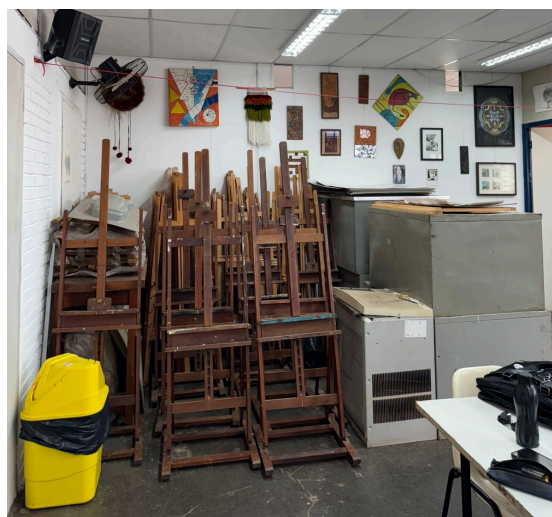




No que diz respeito ao encontro do ateliê e educação, desde o início da concepção deste lugar, ele foi visto como um espaço de aprendizagem, onde ocorriam difusão de técnicas e trocas. Mas a partir da criação da Academia de Belas Artes, em Paris, em 1682, o ateliê passa a adquirir também caráter educativo formal (Zordan, 2019).

Assim, em espaços focados no ensino de arte – seja em faculdades ou então escolas de arte – tornou-se comum existir um ambiente próprio pensado para a execução de práticas artísticas. Geralmente são grandes salas com uma boa iluminação natural e que dispõem de diversos materiais artísticos, mesas amplas, pias e torneiras e que guardam muitas pesquisas, processos e caminhos artísticos, como pode ser visto nos ateliês da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", no campus de Bauru (Figuras 12, 13 e 14).

**Figuras 12, 13 e 14 – Ateliê de Pintura e Gravura da UNESP câmpus Bauru**



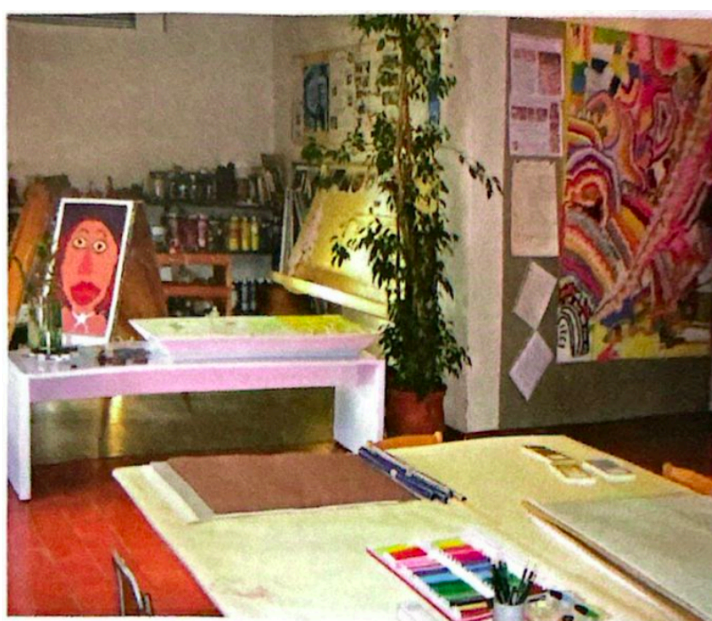
**Fonte:** Própria autoria (2025).

Contudo, no que diz respeito a Educação Básica, o ateliê se torna incomum, no qual apenas algumas escolas detêm esse espaço, principalmente aquelas que se inspiram na abordagem Reggio Emiliana.

Em Reggio Emilia, esse ambiente surgiu a partir da necessidade de um espaço adicional de pesquisa com foco em sensibilizar o senso estético a partir de experimentações em artes visuais. Um lugar para cavar com as próprias mãos e aprimorar o olhar, trabalhar os sentidos. Um lugar que convidasse aos processos lógicos e criativos das crianças por meio das múltiplas linguagens que desejassem utilizar (Gandini *et al.*, 2012).

**Figura 15** – O ateliê da escola Pablo Neruda, na Itália

**Fonte:** Gandini *et al.* (2012).



Com as linguagens expressivas usadas no ateliê, há uma união entre racionalidade e emoções, na qual possibilita o enriquecimento imaginativo, contribuindo para uma formação mais ampla e articulada na aprendizagem nos âmbitos estéticos, expressivos, empáticos e na resolução de problemas (Edwards; Gandini; Forman, 2016).

O ateliê se provou subversivo, uma vez que gera novas formas de pensar. Ele é um caminho a novas combinações entre as diferentes linguagens simbólicas das crianças. A partir de suas práticas e investigações, ele desbancou a teoria bancária da educação, que sugere que os educandos sejam receptáculos a serem preenchidos pelo conhecimento passado pelo professor, numa educação passiva e redutiva das potências infantil (Edwards; Gandini; Forman, 2016).

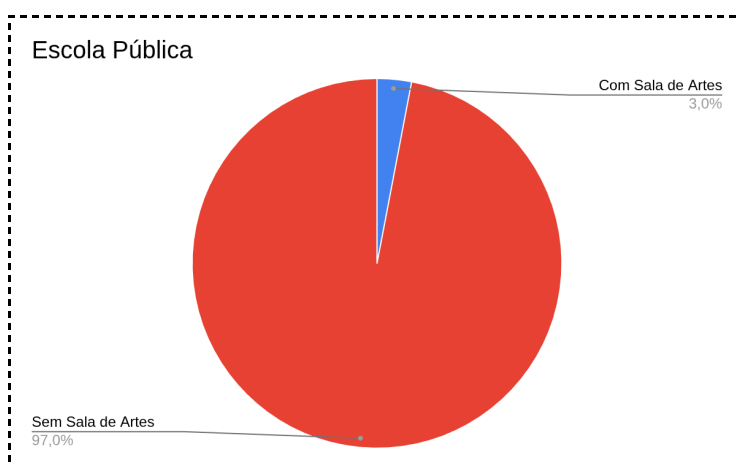
A BNCC (Base Nacional Comum Curricular), enquanto um documento normativo, estabelece para o ensino fundamental que “a aprendizagem de Arte

precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores.” (Brasil, 2018, p. 193).

Além disso, ainda segundo o documento, o ensino de arte deve promover atividades de desenvolvimento criativo a partir das linguagens artísticas em conjunto com outros componentes curriculares por meio de temas que se relacionem e também deve basear-se em seis dimensões que caracterizam a experiência artística: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão (Brasil, 2018).

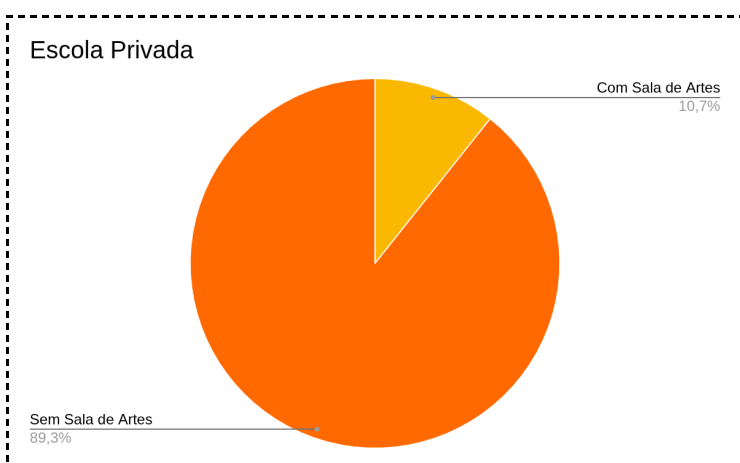
Podemos notar grande consonância entre as diretrizes propostas pela BNCC e os convites que o Ateliê na educação nos convoca. Entretanto, embora esses documentos existam visando uma garantia de aprendizagem de qualidade, a vivência real da escola ainda encontra-se distante do estabelecido. Sobre tudo no que diz respeito à educação pública, são poucas as escolas que sequer possuem uma sala de artes.

Segundo o relatório “O lugar da arte – a presença de salas de arte nas escolas brasileiras” cuja autoria é de Jonathan Almada, realizado em 2024 com base no Censo escolar de 2023, constatou que apenas 3% das escolas públicas possuem salas de arte. Este número sobe para 10,7% quando se trata de escolas privadas (Almada, 2024).



**Gráfico 1** – Salas de Arte na Escola Pública Brasileira

**Fonte:** Adaptado de Almada (2024, p. 6).



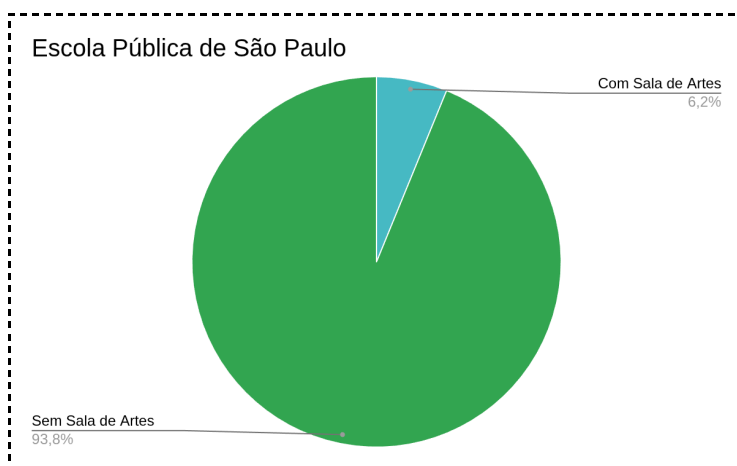
**Gráfico 2** – Salas de Arte na Escola Particular Brasileira

**Fonte:** Adaptado de Almada (2024, p. 6).

No que diz respeito ao Estado de São Paulo, o relatório apresenta que em apenas 6,2% das escolas públicas estaduais há salas de arte. Por outro lado, ele não apresenta a porcentagem de escolas privadas de SP que possuem salas próprias para a disciplina artística.

**Gráfico 3** – Salas de Arte na Escola Pública Estadual de São Paulo

**Fonte:** Adaptado de Almada (2024, p. 20).



Mesmo com o aumento de 3,2% em relação aos índices nacionais, a quantidade ainda segue distante de um número significativo, ficando atrás de outros Estados como Rio de Janeiro, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo, conforme pode ser visto no Quadro 1.

**Quadro 1** – Ranking das 5 melhores Unidades Federativas com Salas de Arte

| UNIDADE FEDERATIVA | PERCENTUAL DE ESCOLAS PÚBLICAS ESTADUAIS COM SALAS DE ARTE |
|--------------------|------------------------------------------------------------|
| Rio de Janeiro     | 22,7%                                                      |
| Santa Catarina     | 17,4%                                                      |
| Rio Grande do Sul  | 15,5%                                                      |
| Espírito Santo     | 11,5%                                                      |
| São Paulo          | 6,2%                                                       |

**Fonte:** Adaptado de Almada (2024, p. 82).

Isso evidencia o descaso geral com o ensino de arte – seja no Brasil ou em São Paulo – e demonstra também a precariedade da infraestrutura escolar, que não dispõe de espaços de prática e experimentações artísticas, o que empobrece a educação artística brasileira e reduzindo suas possibilidades educativas (Almada, 2024)

E se poucas são as escolas que disponibilizam sala de artes, mais distantes ainda estão os ateliês laboratórios de Reggio Emilia do chão da escola brasileira. Por isso, ao pensarmos na realidade do Brasil, é necessário pensar a prática pedagógica artística a partir de uma perspectiva outra, emprestando conceitos e ideias do ateliê, ainda que este espaço físico seja inexistente. É necessário pensar a arte-educação a partir do estado de Ateliê: para além de paredes físicas, proporcionar vivências a partir de experiências que o ateliê nos convoca, mas nos espaços possíveis e existentes.

#### 2.4.1. ESTADO DE ATELIÊ

O Estado de ateliê pode ser definido como um estado de presença em que há o encontro com a experiência, a partir da sensibilização nas quais educandos e educadores estão disponíveis para criar, experimentar e investigar, mesmo que em um ambiente físico distinto do ateliê propriamente dito, mas aberto às sutilezas da vida cotidiana.

Para Barbieri (2018), estar em estado de arte/ateliê está intimamente ligado a uma maneira atenta de se relacionar com o mundo, isto é, por meio da intenção e atenção dedicada, poder afetar-se com o mundo à volta.

Desta maneira, o ateliê transcende seu espaço físico e pode converter-se um conceito mais acessível tornando-se “um estado de espírito, no qual as pessoas imersas se permitem a expor seus olhares das mais variadas formas. Um estado construído através das relações entre as crianças e adultos” (Neves, 2021, p. 63)

Paulo Fochi, no prefácio do livro *Territórios da Invenção* (2021) vai chamar este estado de “Cultura do Ateliê”, que visa dar ênfase à investigação através do pensamento projetual das crianças. Barbieri radicaliza ao expressar que o ateliê é uma forma de ver o mundo e está conosco em nossas mentes (Barbieri, 2021). Para ela,

estar em estado da arte/estado de ateliê é participar de um diálogo com as presenças das materialidades, no qual tanto as pessoas quanto os materiais e espaços são sujeitos da experiência. O estado da arte é um modo de nos convocar a lidar com nossas próprias ideias e com o que nos afeta (Barbieri, 2021, p. 18).

Para Silva (2024) o ateliê não precisa ser um espaço distante, idealizado ou até elitizado: ele pode existir e resistir nos lugares simples e afetivos do cotidiano, seja no quintal, na varanda ou num cantinho qualquer que nos convide à invenção. E

assim podemos transformar cadeiras das salas de aula em cabanas, objetos comuns se tornam instrumentos musicais, a mesa dos professores vira palco para presenciar a experiência das descobertas artísticas. E aos poucos retomar o olhar da infância, em que qualquer espaço pode possibilitar uma experiência, porque tudo pode ser “faz de conta”, isto é, afetado pela imaginação e possibilidade de criação.

Bem como no ateliê, para aguçar esse tal estado e proporcionar contextos de invenções e investigações que estimulem a criatividade das crianças, é importante refletir as práticas e atividades a partir de 5 pilares fundamentantes: o espaço, o tempo, a materialidade, linguagens e o corpo. Aqui o principal referencial utilizado é o Ateliê Binah, e os livros escritos por Stela Barbieri.

#### 2.4.2. ESPAÇO

O espaço pode ser entendido como a configuração física, composto por paredes, portas e janelas, construção e estrutura, enquanto o lugar pode ser definido como a vida que compõe o espaço, isto é, a habitação do espaço físico, gerando diferentes sentidos e significações. (Tuan, 2012). O lugar também pode ser pensado como o entrelaçamento das relações construídas entre espaços, ambientes e pessoas (Reis-Alves, 2007).

Assim, é necessário refletir o espaço existente no ambiente escolar para além de suas características físicas e possibilitando a transformação do espaço físico em lugar, um lugar do estado de ateliê e de suas processualidades. Neste sentido, ao nos debruçarmos sobre a geografia escolar, precisamos levar em conta todos os objetos presentes no território – espaços habitados pelas crianças e educadores – pois esses objetos podem ser mais ou menos complexos às experiências educativas. (Barbieri, 2024).

Em se tratando de espaços, Foucault (1999) nos instiga também ao pensar como o espaço da escola produz uma ordenação e disciplina, a partir das sua organização em salas de aula, fileiras de mesas e cadeiras e vigilância hierárquica constante do corpo docente, tornando o ambiente escolar marcado pela opressão.

Este mesmo autor nos convida também a pensar um outro tipo de espaço: a heterotopia, que pode ser definida como um espaço concreto, mas que subverte a lógica social pensada para este ambiente, produzindo desvios (Foucault, 2013). Então, um espaço heterotópico sobrepõe-se a um espaço existente, atravessando-o e produzindo outros sentidos.



Logo, se pela lógica social espera-se da escola uma instituição disciplinar, o ateliê e seu estado nos convida a pensar a escola como um espaço outro, coexistindo com a institucionalização, mas que é heterotópico e provoca deslocamentos, furam a normalidade do ensino, propondo outras aprendizagens.

Por fim, pensar o espaço como propulsor e mobilizador dos corpos e materiais presentes no contexto das experiências propostas e, que em consonância recebe a ação desses materiais e corpos, transformando-se também no processo (Barbieri, 2021).

E, então, em nossas práticas em sala de aula, refletir: Quais convites um espaço pode nos propor? Quais componentes do espaço dão indícios de percursos investigativos? Como o espaço pode também conduzir aprendizados?

#### 2.4.3. TEMPO

O tempo pode ser definido como uma grandeza, uma medida. Porém para além de sua lógica sequencial e segmentada – em microsegundos, segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos – este aspecto também pode ter um outro ritmo: o ritmo da experiência.

Então, torna-se importante considerar, também, no percurso da prática do ateliê, quais tempos ele se propõe a suscitar. É evidente que o tempo também precisa contemplar currículos, cronogramas, planos de aula, mas quais brechas podemos fabricar neste espaço-tempo?

Bem como trazido por Larrosa (2002), o quão mais apressados estamos, menos experiências nos ocorrem, pois o tempo da experiência é diferente do tempo do relógio e nos exige um desacelerar. E, assim, também é o tempo da aprendizagem, sobretudo no que diz respeito às crianças.

No mundo contemporâneo, determinado pelo capitalismo tardio, há o constante ensejo por mais e mais produtividade no menor tempo e isso também se reflete nos ritmos de aprendizagem, sobretudo no ocidente. Isso tolhe dos educandos o tempo da experiência, o tempo da assimilação do que lhes ocorre – que é não linear e tão pouco controlável. É necessário que intencionalmente e conscientemente devolvamos à prática educativa o tempo: do encontro, do devaneio, do prazer, da presença, do sentir, que se grava ao corpo e marca a gente. Assim, “a não linearidade e o tempo subversivo da infância ao serem considerados

por nós, educadores, garantem lugar à heterogeneidade das crianças e suas maneiras de aprender” (Barbieri, 2021, p. 46)

Olhar o tempo menos como Cronos e mais como Aion<sup>11</sup> e levá-lo em consideração também em nossas aulas, tratando-o como parte do processo e também buscando formas de alargá-lo – seja através de juntar aulas com outras matérias, seja na troca de aulas com outros professores para se ter mais tempo, seja permitindo mais tempo de exploração e investigação aos educandos, seja propondo um outro tempo, que valoriza, se importa e dá ouvidos aos desejos infantis, abrindo passagem para produção, processos e caminhos para um olhar minucioso, que abarca camadas mais profundas de pesquisa (Neves, 2021).

Pensar o tempo em sala de aula é também um exercício de escuta e entrega, pois permite que a curiosidade floresça e que o aprender aconteça em seu próprio compasso. Quando nós, educadores, proporcionamos um outro ritmo à prática educativa, criamos abertura para que a experiência se manifeste – e é nesses episódios que surgem os afetamentos que realmente nos transformam.

#### 2.4.4. MATERIALIDADE

Para iniciar este tópico, peço licença para desviar um pouco da rota educacional para apresentar um artista brasileiro que traz colaborações importantes acerca do tema.

Tive a oportunidade de cruzar com o caminho de Guto Lacaz em sua exposição *Xeque Mate*, no Itaú Cultural em São Paulo, em 2024. Nesta ocasião, pude conhecer mais acerca de seu trabalho com *ready-mades*<sup>12</sup> e questionamentos sobre a utilização dos objetos, levando eles a contextos inesperados, metafóricos, irônicos ou até mesmo literais, brincando com nomes, características e funções. Guto, que é arquiteto, designer, artista, mecânico e acima de tudo, um exímio observador.

Com grande influência marxista, em uma entrevista que ele concedeu ao Itaú Cultural, o artista nos apresenta o conceito de luta de classes dos objetos, a partir do

---

<sup>11</sup> Associado ao deus grego Aion, personifica a eternidade e o tempo cósmico, tendo relação com a vida eterna na teologia e o tempo do sentido na filosofia e representa um conceito de tempo eterno e ilimitado, em oposição ao tempo linear de Chronos.

<sup>12</sup> Segundo Enciclopédia Itaú Cultural (2025): “Termo criado por Marcel Duchamp (1887-1968) para designar um tipo de objeto, por ele inventado, que consiste em um ou mais artigos de uso cotidiano, produzidos em massa, selecionados sem critérios estéticos e expostos como obras de arte em espaços especializados (museus e galerias)”

exemplo do papel higiênico, que segundo ele é injustiçado, pois mesmo que tenha uma forma de cilindro macia e também uma proporção agradável, ele é segregado de certos espaços e proposições das casas, assim como vassouras, baldes, etc. (Lacaz, 2024). Diante dessa luta de classes, Guto nos instiga a conviver com os objetos de forma lúdica, trazendo-os para perto e poder observá-los e até ressignificá-los.

**Figuras 16, 17, 18, 19 e 20 – Ateliê do artista Guto Lacaz**



**Fonte:** Pimentel; Farkas; Itaú ([2024]).

Cada coisa útil, como ferro, papel etc., deve ser encarada sob duplo ponto de vista, segundo qualidade e quantidade. Cada uma dessas coisas é um todo de muitas propriedades e pode, portanto, ser útil, sob diversos aspectos. Descobrir esses diversos aspectos e, portanto, os múltiplos modos de usar as coisas é um ato histórico (Marx, 1996, p. 165).

Dessa convivência com objetos – aqui no caso o papel higiênico, que, diga-se de passagem, o Guto a fez em seu ateliê (Figuras 16, 17, 18, 19 e 20), surgiu a obra “O abajur Branco”, um *ready-made* que traz uma outra perspectiva para objetos comuns como o próprio papel higiênico ou o filtro de café também em papel (Figura 21).



**Figura 21** – Abajur branco,  
1990/2024, objeto, 37 x 15 cm

**Fonte:** Própria autoria (2024).

Retomando a temática da materialidade, trago essa obra e contribuição de Guto Lacaz, pois trabalhar práticas educativas envolvendo materialidades, isto é, potência das matérias e sua possibilidade de se transformar (Barbieri, 2021), tem grande consonância com conhecer os objetos a partir da observação, da investigação, das propriedades e complexidades que eles evocam.

Isso no processo educativo de arte e em contextos de ateliê significa pensarmos os materiais, objetos e até ferramentas que escolhemos para compor a prática. Cada material tem características próprias, sejam elas físicas, químicas e/ou biológicas e que podem também passar por movimentos de transformação e modificação. Podemos e devemos refletir sobre quais convites estes elementos convocam, quais hierarquias escondem, quais contrastes podemos criar ao trazer materiais distintos num mesmo contexto.

Assim, quanto mais nós, educadores, temos conhecimento e intimidade com a materialidade, mais repertório e intenção teremos para criar contextos de investigação do ateliê. É a partir desta relação que tecemos com materiais que

conseguimos pensar suas potências, desdobramentos, ruídos e dissonâncias e convidamos os educandos a também realizar essas reflexões (Barbieri, 2024).

Por isso, para nós, enquanto mediadores das práticas, é importante a atenção para treinar o olhar e aguçá-lo à enxergar as sutilezas e estranhamentos que os materiais e objetos podem produzir nas experiências em sala de aula. É afastar-se de ideias pré-concebidas e visualizar a materialidade em sua forma mais essencial e primitiva e seu potencial de transmutar.

#### 2.4.5. LINGUAGENS

“A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos” (Oliveira, 1993, p. 36). É por meio da linguagem que a humanidade também perpetua sua existência.

Vygotsky (2013) nos diz que o pensamento se desenvolve a partir da linguagem e da experiência sociocultural a qual somos inseridos. Sendo assim, o crescimento intelectual da criança depende da socialização e do seu domínio da linguagem.

Neste cenário, a escola adquire um papel fundamental na formação infantil, uma vez que representa um espaço de socialização e nos possibilita a vivência com diversas linguagens.

Loris Malaguzzi em seu poema *As cem linguagens da criança* (Anexo A), nos convida a pensar a aprendizagem das crianças através das múltiplas linguagens que elas possuem e apresenta o ateliê como este lugar, em que pode-se explorar as diversas linguagens em uma atmosfera propícia.

A disciplina de Artes, dentro da Educação Básica brasileira, por si só já apresenta em seu currículo quatro linguagens: a dança, o teatro, as artes visuais e a música. A arte atua como uma conexão entre várias linguagens, possibilitando aos educandos expressarem-se das mais diversas formas, seja através de ritmos, cores, sons, traços, pontos, linhas, massas, etc, e potencializando a relação e trocas entre o sujeito e o mundo (Neves, 2021).

Para Ana Mae Barbosa (2008), a arte é uma linguagem aguçadoura dos sentidos, pois por meio dela que se torna possível ampliar a percepção e a imaginação para compreender o mundo ao redor, exercitar o olhar crítico sobre a realidade e desenvolver a criatividade como potência transformadora dessa mesma realidade.

Assim, o ateliê e também as práticas educativas devem ser catalisadores das linguagens, como um ambiente possível de exploração das comunicações infantis, das expressões de ideias e narrativas nas experiências investigativas de aprendizagens.

#### 2.4.6. CORPO

Diferente dos adultos que tendem a separar a mente do corpo, as crianças sentem seu corpo de forma integrada e tem uma relação diferente de descobertas com ele. Para elas, o corpo é seu contato com o mundo (Barbieri, 2024). Além disso, há ainda no encontro dos corpos – na socialização – a criação de pontes ou tensões, de trocas e momentos que geram aprendizagens.

Desta maneira, ao pensarmos nos contextos pedagógicos, podemos refletir acerca dos diferentes sentidos que podemos trabalhar, sejam de forma concomitante ou em ocasiões distintas, seja despertando sensações ou então provocando movimentos.

Assim, o ateliê convoca a presença e desperta os sentidos, pois através destes contextos, nos tornamos passíveis a aquilo que nos toca, a vivenciar experiências estéticas. Em conjunto com os outros tópicos elencados acima, o ateliê se apresenta como uma brecha para estar inteiro em suas processualidades. Em que

as relações entre corpo, tempo, espaço, materiais e linguagens que encontramos no ateliê proporcionam às crianças enredos investigativos, como se fosse um grande laboratório no qual elas podem se sentir livres para ir além, mergulhando em cada experiência que são convidadas a participar (Neves, 2021, p. 133).

Isso recai também para os educadores, que precisam estar atentos e abertos aos movimentos investigativos dos educandos durante os percursos educativos. O educador precisa também possuir uma escuta sensível aos indícios infantis.

Portanto, é a partir destes pilares que nós arte-educadores podemos provocar descolamentos, estranhamentos, convites, que considerem o entrelaçamento existente entre estas temáticas. E deste modo, em estado de ateliê, criar momentos de inteireza em si e em relação ao outrem – sejam educandos, sejam educadores: sentir, imaginar e criar a partir da presença que os corpos instauram no mundo.



## 2.5. Um breve desvio do caminho – Educação Menor

Falamos até agora acerca do ateliê e das possibilidades que ele traz para nossa prática pedagógica, mas pouco falamos acerca das aspirações filosóficas que este trabalho conversa. Por isso, permito-me esse desvio para falar de uma filosofia pedagógica que colabora com o ateliê, que subverte a prática tradicional e acontece no chão da escola.

Sei que existem problemáticas acerca do termo “menor”, no que diz respeito à educação, uma vez que parte do pressuposto que exista uma classificação entre educações e por conseguinte, grandezas e separações atribuída à elas. Porém, considero este subcapítulo essencial e por isso escolho mantê-lo com sua nomenclatura mesma, uma vez que subverte os sentidos atribuídos à palavra – e que utiliza o termo da literatura, emprestando-o de Gilles Deleuze e Félix Guattari (1977, p. 25) e deslocando-o para o campo educacional e portanto, “uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que um minoria faz em uma língua maior” .

Assim, a educação menor é um conceito apresentado por Sílvia Gallo e nos instiga a pensar a educação fora dos sistemas de controle, às margens, quase como uma subversão da lógica neoliberal presente também na educação.

Ela é composta por três aspectos fundamentais: a desterritorialização dos processos pedagógicos, a ramificação política e o valor coletivo. O primeiro refere-se a opor-se sutilmente ao controle e produção neoliberal, criando diferenças (Gallo; Monteiro, 2020). Enquanto a educação tradicional tende a definir posições fixas e conteúdos específicos, controlando e enrijecendo as práticas, a educação menor propõe o desmonte dessa lógica, abrindo espaço para novas formas de resistência e aprendizagem dentro da escola.

Supõe considerar as inúmeras e diferentes possibilidades que emergem em diferentes contextos escolares todos os dias, mas que são ocultados pela força e burocracia de uma educação maior, neoliberal, que foca em metas e meritocracias (Gallo; Monteiro, 2020, p. 195).

O segundo aspecto trata do caráter político da educação, operando através da micropolítica, isto é, por meio dos atos cotidianos e na rotina da sala de aula (Gallo, 2002).

A terceira característica diz respeito à coletividade: todo ato adquire um valor coletivo, indo na contramão da individualidade amplamente disseminada no mundo contemporâneo neoliberal. Na educação menor, não há atos isolados, toda ação implica em muitos indivíduos e mesmo que seja uma singularização, será uma singularização coletiva. Dessa forma, “ações menores na educação nunca são isoladas e individualistas” (Gallo, 2002, p. 176).

Nos parece assim que precisamos produzir na escola, espaços de rebeldia, espaços em que os corpos se mobilizem mais pelos afetos que pelos órgãos, massas. Precisamos de experiências em que somos convocados a fazer, pensar mas acima de tudo um fazer/pensar atravessado pelos afetos. Ser capaz de sentir e poder expressar a intensidade das com que as diferentes linhas molares tentam nos enrijecer. (Gallo; Monteiro, 2020, p. 187)

E assim criar uma escola outra dentro da escola já existente, tornando-a heterotópica. Transformar a escola por dentro dela mesma, subvertendo a lógica e norma padrão do educar e produzindo coletivamente este outro espaço, propondo um outro corpo em sala de aula e outros tipos de aprendizagens.

O ateliê se articula com a lógica da educação menor. Ele cria espaços de escape, subverte a rigidez do tempo e constrói relações que atravessam o instituído, convoca os corpos, produz sentidos. É um território que se abre em brechas, permite o vazamento das diferenças e acolhe o imprevisível. Trata-se de um lugar de processos e possibilidades, que coexiste com ambientes marcados por funções fixas e tempos cronometrados. Essas ações menores, ainda que não transformem o sistema em sua totalidade, provocam deslocamentos sutis que movimentam e reconfiguram o cotidiano escolar (Oliveira, 2022).

Vejo a necessidade de esclarecer um ponto: é claro que em nosso cotidiano escolar ainda teremos que seguir currículos, documentos, normas e regras educacionais nacionais. Seria ingênuo e até irreal pensar que não. O que aspiro com essa pesquisa, temática e até filosófica não é uma substituição das políticas já existentes e/ou atribuições dos professores, mas olhar também para outras possibilidades, encontrar caminhos e oportunidades para criar outra educação. Não se trata de defender um único caminho para a educação em Arte, mas de reconhecer que o Estado de Ateliê pode compor esse percurso, somando-se a outras abordagens e ampliando as possibilidades do fazer educativo.

“Se ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, intervenho criando outros mundos” (Oliveira, 2022, p. 132).



caminhos já trilhados  
- exemplos reais de  
práticas de ateliê

### 3. CAMINHOS JÁ TRILHADOS – EXEMPLOS REAIS DE PRÁTICAS DE ATELIÊ

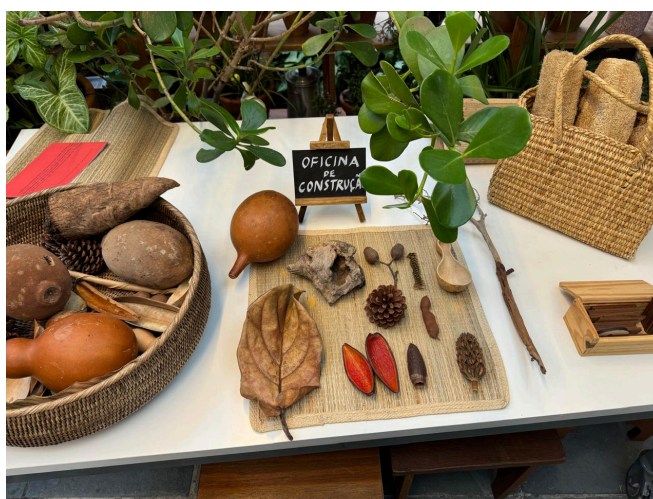
Para colaborar com as práticas pedagógicas de arte-educadores e também poder tornar essa pesquisa mais robusta – dando vida e contorno aos conceitos retratados – apresento neste capítulo alguns exemplos práticos de ateliês e/ou escolas brasileiras que pensam a educação de artes também através de ateliês.

Espero que estes casos aqui descritos possam funcionar como elo entre a teoria e a prática, a reflexão e o dia a dia da sala de aula e que se manifestem como possibilidades de uma práxis sensível às aprendizagens e o mundo dos educandos.

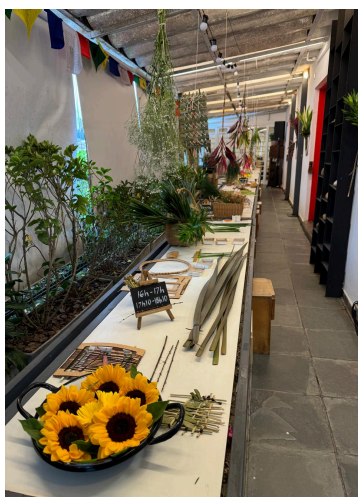
O Ateliê Binah é um espaço de arte e lugar de invenção, investigação e imaginação, lugar de encontros e experiências com e a partir da arte, conforme consta em seu site. Podemos dizer que trata-se de um espaço de educação não formal, que atua na construção de experiências para crianças e conta com uma equipe multidisciplinar composta por artistas, educadores, professores, cineastas, designers, etc., cuja a coordenação é realizada por Stela Barbieri, uma das principais referências acerca de ateliê, com suas contribuições teóricas e práticas que embasam esta pesquisa.

Em meados de 2024, pude conhecer o Binah, na zona oeste de São Paulo, no aniversário de 10 anos do projeto (Figuras 21, 22, 23 e 24). Nesta circunstância, foi possível conhecer um pouco mais dos espaços que compõem as experiências do ateliê e adquirir dois dos livros que costuram este estudo: *Territórios da Invenção – Ateliê em movimento* (2021) e *Territórios em Transformação* (2024), ambos de autoria de Stela Barbieri. Deles, coletei os exemplos a seguir.

**Figuras 22, 23, 24 e 25** – Festa de dez anos do Ateliê Binah em São Paulo







**Fonte:** Própria autoria (2024).

### 3.1. Construindo Pontes

Este subcapítulo baseia-se no livro *Território em Transformação* (Barbieri, 2024, p. 68 a 80).

A prática proposta e realizada no Ateliê Binah foi acerca das investigações de estruturas. Os disparadores desta experiência foram: uma conversa inicial acerca do que as crianças conheciam sobre estruturas e construções e uma história intitulada “A ponte”, cuja autoria é de Stela Barbieri e Fernando Vilela.

Para iniciar o percurso investigativo, as crianças foram convidados a desenhar suas ideias sobre como seriam suas pontes (Figura 26), com base naquilo que lhes tocara e, depois, puderam explorar quatro espaços criados para esta vivência: estruturas com madeiras e espelhos (Figuras 27, 28 e 29), estruturas aéreas (Figuras 30 e 31), estruturas com luzes e sombras (Figuras 32 e 33) e estruturas mínimas (Figuras 34 e 35).

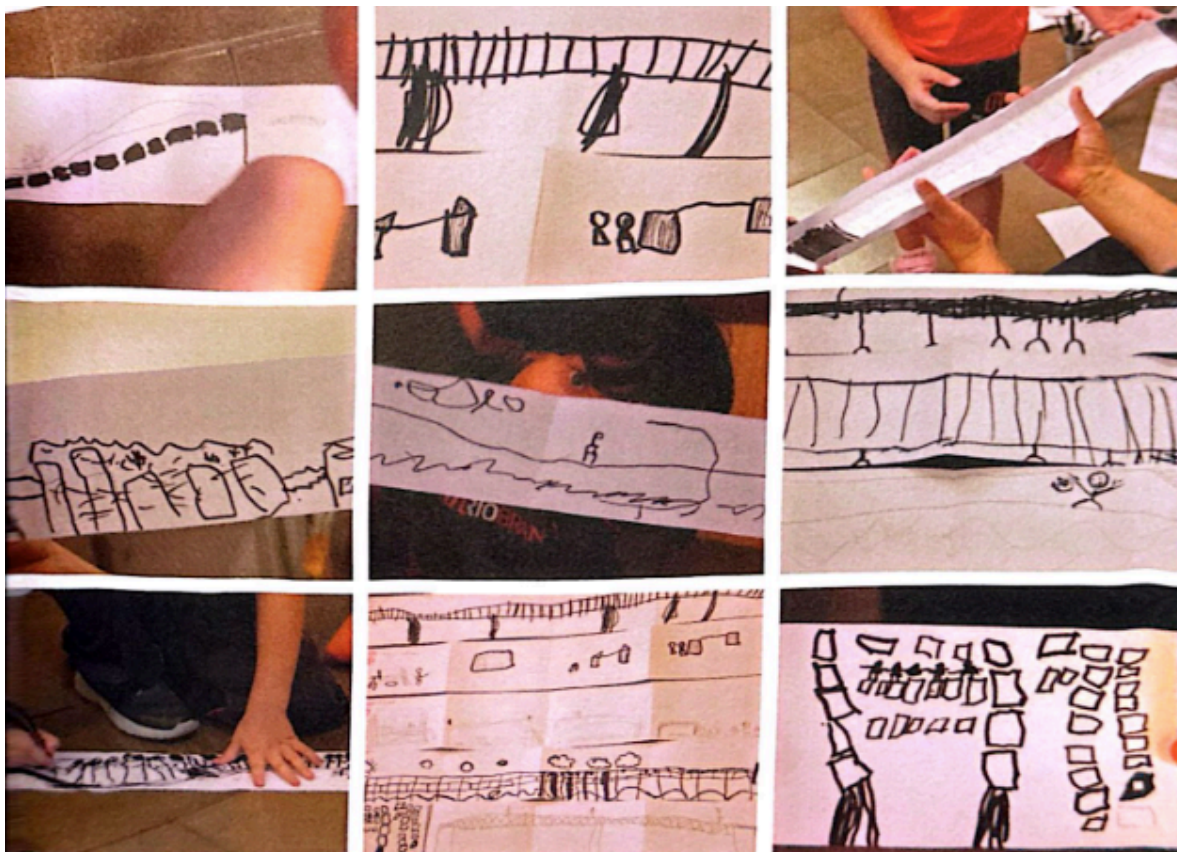
Durante essa exploração, as crianças foram convocadas pelo espaço, pelos materiais, processos, linguagem e corpos a criarem suas pontes. Ao final, houve uma conversa sobre o que aconteceu durante essas construções.

Este trabalho foi de encontro a conceitos como tatilidade, equilíbrio, pesos e dimensões, paisagens, etc. Foram utilizadas materialidades como papel sulfite, canetas pretas de diferentes espessuras, correntes, rodas de bicicletas, imãs, objetos metálicos variados, molas, madeiras de diferentes tamanhos e espessuras, espelhos, mesa de luz, projetor, objetos de acrílico coloridos, luminárias, transparências, copos, caixas de areia, fios e linhas coloridas, palitos, entre outros.



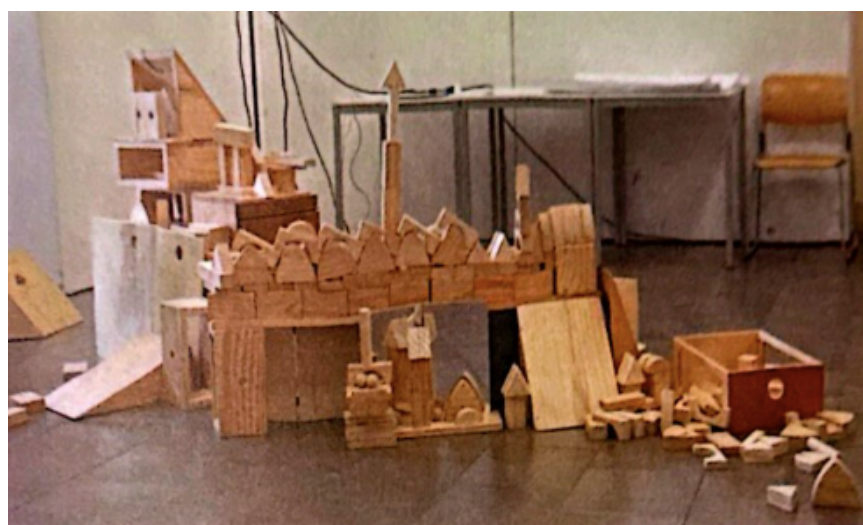
Algumas perguntas norteadoras de contexto: De onde sai a sua ponte? Para onde ela leva? Como se estrutura? Como se sustenta? O que há no caminho? O que você vê de cima dela? O que passa por baixo?

**Figura 26** – Montagem de projetos para criar pontes



**Fonte:** Barbieri (2024, p. 71).

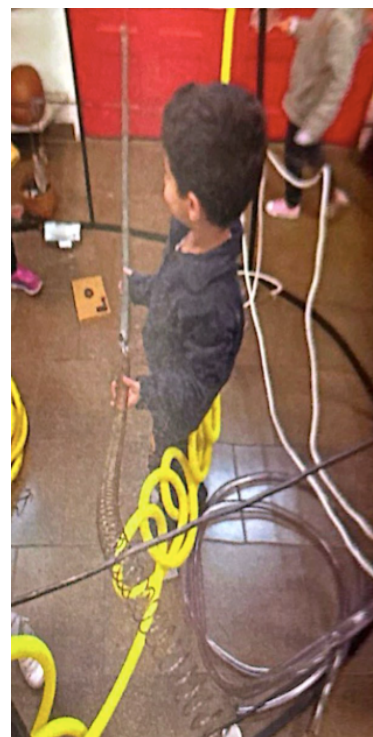
**Figuras 27,  
28 e 29** –  
A ponte mais  
comprida do mundo  
- Pontes de madeira





**Fonte:** Barbieri (2024, p. 72, 73 e 74).

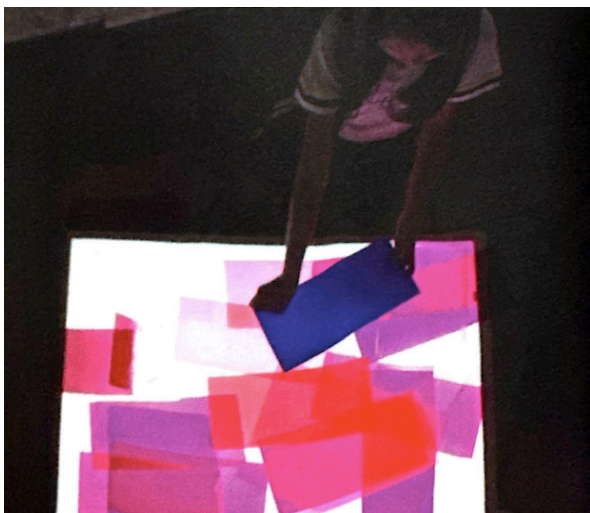
**Figuras 30 e 31 – Pontes que flutuam - Pontes Aéreas (e de metais)**



**Fonte:** Barbieri (2024, p. 76 e 77).

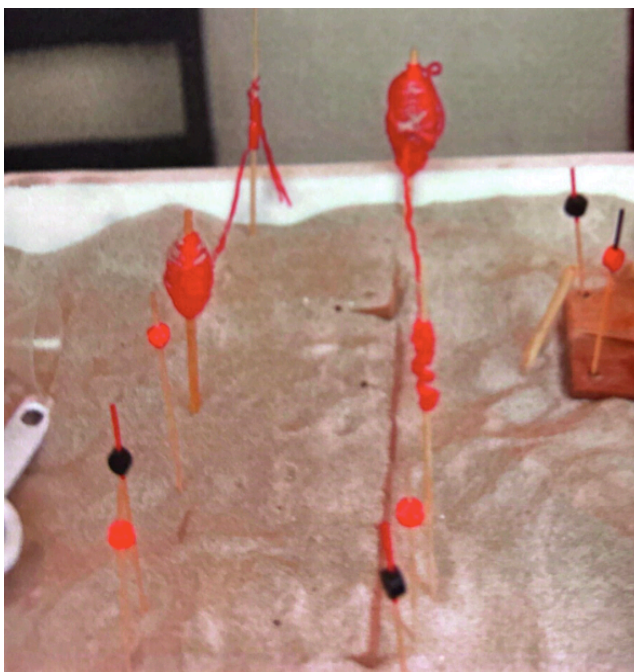


**Figura 32 e 33 – Pontes coloridas e luminosas**



**Fonte:** Barbieri (2024, p. 78 e 79).

**Figuras 34 e 35 – Pontes movediças (na areia)**



**Fonte:** Barbieri (2024, p. 80).

### 3.2. Desvio Experiencial para o Vermelho<sup>13</sup>

Este subcapítulo baseia-se no livro *Território em Transformação* (Barbieri, 2024, p. 91 a 98)

A obra *Roda dos Prazeres*, de Lygia Pape propõe uma experimentação das cores por meio do paladar e brinca com sabores distintos às expectativas criadas em torno das cores apresentadas. Por exemplo, ao pensarmos na cor vermelha e atrelá-la a alimentos, seu significado adquire um sabor de morango, framboesa, pitanga, frutas vermelhas em geral. Mas, na verdade, o que Lygia disponibilizou às pessoas que provaram o líquido vermelho através de um conta gotas foi um sabor de abacaxi, provocando percepções e criando reflexão sobre as convenções já estabelecidas no que tange cores e sabores.

Essa obra serviu de inspiração para o Ateliê Binah em sua segunda experiência que apresento aqui: Vermelho – sabores, aromas e tatilidades. Para essa prática, a premissa principal foi contrastar os vários sabores e materialidades do vermelho.

Assim, foram criadas três estações e três momentos:

Uma instalação foi construída com diversos objetos vermelhos (Figura 36) e entre eles, em menor quantidade, também algumas coisas de cores outras para gerar contrastes e deslocamentos. As crianças foram convidadas a explorar este ambiente e mergulhar no universo da cor.

**Figura 36** – Instalação Vermelha no Ateliê Binah



**Fonte:** Barbieri (2024, p. 93).

<sup>13</sup> O título do subcapítulo faz alusão às obras "Desvio para o vermelho I, II e III", de Cildo Meireles.



**Figura 37 –**  
Desvio para o  
vermelho I:  
Impregnação, Cildo  
Meireles, 1967-84,  
materiais diversos,  
dimensões variáveis

**Fonte:**  
Eckenfels (s/d).

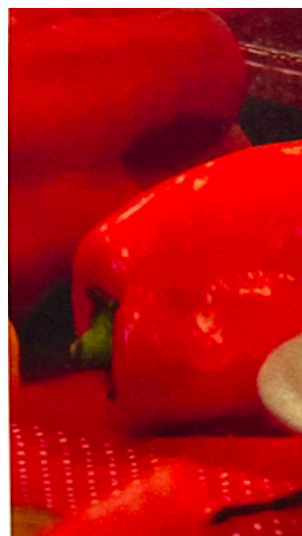


Embora isso não seja mencionado no livro, esta instalação também encontra grande consonância com a obra *Desvio para o Vermelho I* de Cildo Meireles (Figura 37) – que também pode visitar em Inhotim – e que ousou dizer também serviu de inspiração para a proposta.

Depois, em um novo ambiente, em mesas baixas, havia um banquete vermelho (Figuras 38, 39, 40 e 41), repleto de frutas, frutos, sucos, legumes, flores, etc, e nesse contexto, os educandos foram convocadas a experimentar sabores, aromas, sentir o gosto do vermelho.



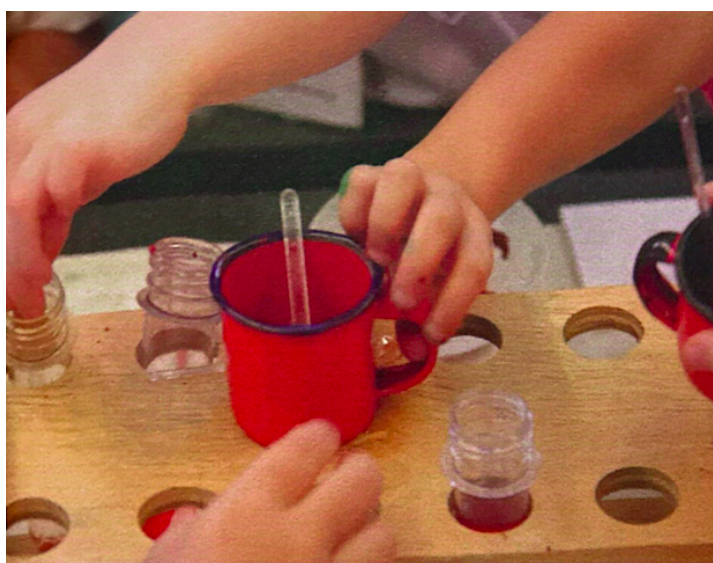
**Figura 38, 39, 40 e 41 –**  
Banquete Vermelho



**Fonte:**  
Barbieri  
(2024, p.  
92, 94 e  
95).

Por fim, como um terceiro momento, eles puderam criar seus próprios vermelhos a partir de diferentes corantes e pigmentos, dando nomes às cores feitas e realizando trabalhos artísticos com elas (Figuras 42 e 43). Assim também por meio das misturas, as crianças puderam investigar como as cores se compõe, quais cores fazem parte de outras, a quais misturas as cores podem ser levadas e quais resultados terão.

**Figura 42 e 43 – A**  
Invenção dos Vermelhos



**Fonte:** Barbieri  
(2024, p. 97 e 98).

Dentre os materiais utilizados estão alimentos como melancia, pitaya, morangos, pitangas, acerolas, pimentões, cacau, amoras, tomates, uva (suco), mamão (como contraste amarelo), etc. Objetos vermelhos diversos como palitos, cápsulas de café, fitas e cordas, copos e canecas, acetatos, sementes, flores – tais quais hibiscos e antúrios – papéis, plásticos e metais. Além disso, foram empregados também corantes, tintas, pigmentos e urucum.



### 3.3. Observatório do Vivo

Este subcapítulo baseia-se no livro *Territórios da Invenção – Ateliê em Movimento* (Barbieri, 2021, p. 103 a 119).

Escolhi este terceiro exemplo, principalmente por nos provocar reflexões acerca dos moldes de aula e do ateliê, pois este projeto do ateliê Binah aconteceu no meio da pandemia de Covid-19, no início do ano de 2020 e teve que ser todo reestruturado para atender as necessidades daquele momento, mas manteve também todos os ingredientes necessários ao estado de ateliê e as investigações que ele possibilita.

Desta forma, podemos olhar com mais profundidade os processos e ideias que essas práticas evocam, nos afastando de concepções que operem como barreiras ao invés de elos.

Num contexto de ensino remoto, isto é, sem os espaços do Binah e em que as crianças estariam em suas casas, atravessadas pelas diferentes atmosferas e formações familiares, foi necessário escolher uma proposição inicial universal, possível e também que se relacionasse com o momento histórico vivido, e então o questionamento “o que é vivo?” surgiu perfeitamente para iniciar esse processo investigativo.

A exibição do filme *Cristais Líquidos*<sup>14</sup> (1978), de Jean Painlevé, foi utilizada como primeiro momento dessa prática. Após o filme, as educadoras perguntaram às crianças: “o que está acontecendo nesse vídeo?”. A partir desta questão, diversas hipóteses foram levantadas e duas colocações se destacaram como consenso no grupo: o que é vivo respira e se movimenta.

Com base nisso, foi proposto uma observação nas próprias casas, para que pudessem encontrar o que é vivo no ambiente em que estavam inseridos. Após essa investigação, realizaram desenhos e pinturas das coisas vivas encontradas.

Depois, para incluir uma outra linguagem à vivência, a música *Ouricuri*<sup>15</sup> (1965), de João do Vale e José Cândido foi experienciada e novamente novas questões se apresentaram nas investigações: o que é catingueira, arapuá, oricuri,

---

<sup>14</sup> Segundo Thomé (2024), o curta-metragem “mostra imagens da passagem de cristais do estado líquido para o estado sólido por meio de um microscópio de polarização, ao som de uma trilha sonora que mistura música clássica e eletrônica”.

<sup>15</sup> Música que celebra a relação íntima entre o sertanejo e a natureza, evidenciando como os sinais naturais são interpretados para prever eventos climáticos e sociais pelo povo nordestino.

acauã (palavras que aparecem na música). Assim uma nova proposta surgiu: imaginar o que essas coisas poderiam ser e desenhassem tais “bichos”.

E, se o que é vivo respira e se movimenta, então, as educadoras pediram aos educandos para que mostrassem isso com os próprios corpos, por meio de gestos e movimentos, a fim de trabalhar a corporeidade com as crianças.

O próximo momento utilizou-se novamente de um vídeo com imagens da vida ocorrendo (com as nuvens passando, animais vistos de perto, objetos criados por humanos como foguetes, etc.), como um disparador para a proposta seguinte, de criação de máscaras com os materiais que cada criança possuía em suas residências e inspirados pelas cenas que mais se interessaram.

Em uma das aulas posteriores, os estudantes acabaram trazendo à tona a pergunta: “as folhas são vivas?”. E a partir daí, todos puderam trazer suas hipóteses, até que uma das meninas sugeriu um experimento-pesquisa: que plantassem algumas teorias e checassem quais haviam brotado (Figura 44). Dessa forma, cada um pôde plantar uma folha, um feijão, sementes de tomate e talo de uma cebolinha e acompanhar no dia a dia o que realmente desabrochou. A cada semana as crianças foram espantando-se enquanto viam a vida acontecendo através da muda do feijão, das flores e frutos do tomateiro, da cebolinha que crescia, etc.



**Figura 44 –**  
Montagem: O  
que é vivo?

**Fonte:** Barbieri  
(2021, p. 115 e  
117).

Por fim, a última parte do trabalho foi atravessada pela afirmação de que o que é vivo se alimenta. Juntos puderam refletir sobre as cadeias alimentares até as refeições do dia a dia de cada um (Figura 45). Assim, se anteriormente a ideia de “vivo” se relacionava a aspectos isolados, como a respiração ou movimento, ao final do percurso educativo estabeleceu-se um contato mais complexo e abrangente sobre o vivo e a vida, conectando-se também com o fato de fazermos parte de um sistema vivo que se relaciona e se transforma o tempo todo.

Claro que este exemplo difere-se dos outros por apresentar certos recursos e até formatos das aulas um pouco mais simples e com trabalhos mais tradicionais. Isso se dá principalmente pelo ensino a distância, num momento tão delicado. Mesmo assim, ele nos apresenta um bom pano de fundo de como as investigações das crianças ocorrem e mostra também como práticas fáceis e mais acessíveis ainda podem causar faíscas e propor experiências de ateliê nas aulas.

**Figura 45** – Montagem: O que é vivo se alimenta



### 3.4. Onde moram os pássaros – Mini História

Este subcapítulo baseia-se na dissertação de mestrado de Bianca Neves (2021, p. 154 a p. 158) intitulada *Relatos de experiências e estética no ateliê: narrativas e o processo de desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil*. Faz parte de uma pesquisa acerca das experiências estéticas a partir das práticas de ateliê na educação infantil, realizadas com crianças de 2 a 5 anos de uma escola particular da cidade de Uberlândia, Minas Gerais. Neste trabalho, a autora nos narra, a partir de mini histórias, suas vivências de ateliê com os estudantes.

A pergunta norteadora deste processo foi “Onde moram os pássaros?”, direcionada a crianças de 4 anos, que prontamente compartilharam e especularam suas suposições e assim elas foram convidadas a visualizar imagens impressas dos pássaros e – por meio da observação – realizar seus desenhos investigativos, com papéis e lápis (Figuras 46 e 47). Depois, puderam também lançar cor às obras, utilizando tintas nas composições artísticas.

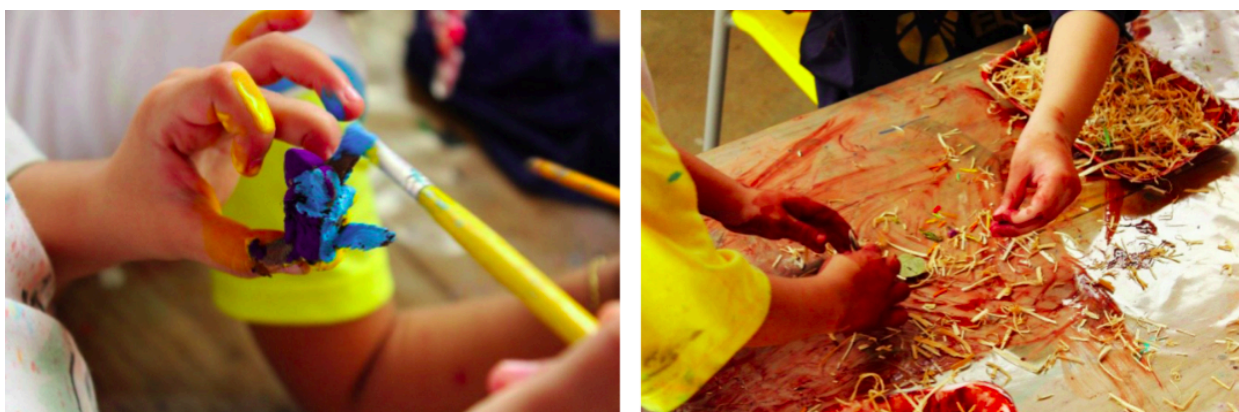
**Figuras 46 e 47** – Investigação sobre pássaros



**Fonte:** Neves (2021, p. 154 e 155).

Num segundo momento, eles foram convocados a criar seus pássaros e suas casas ninhos, utilizando para isso diversos materiais como argila, tintas, pedaços de galhos, folhas, palhas e até isopores (Figuras 48 e 49). Além disso, os educandos ficaram também instigados a criarem os olhos dos pássaros, usando para isso caixas de ovos, que foram cortadas a simbolizar dois olhos e ganharam expressividade e cor, por meio de tintas.



**Figuras 48 e 49 – Criando pássaros e suas casas**

**Fonte:** Neves (2021, p. 156 e 157).

Ainda como parte da experiência, um tecido foi amarrado e disposto para que as crianças pudessem se pendurar e alçar voos tal qual as aves fazem, evocando na pele e no frio da barriga o sentimento de voar e proporcionando outros tensionamentos à prática (Figura 50).

**Figuras 50 e 51 – Passarinhas**

**Fonte:** Neves (2021, p. 158).



### 3.5. Uma carta respingada de tinta a lá Jackson Pollock<sup>16</sup>

Este subcapítulo baseia-se na dissertação de mestrado de Fernanda Oliveira (2022, p. 81 a 82) denominada *ATELIÊ (DES)EDUCADOR*.

Neste trabalho, a autora vai costurando sua pesquisa cartográfica, a partir de cartas, em que ela relata os momentos vividos em sua passagem por uma escola particular, em Curitiba-PR, na qual teve a oportunidade de criar do zero um ateliê e vê-lo ganhando vida e criando relações com os educandos ali.

A carta que escolhi noticia, de uma forma muito livre e poética, o encontro de um pequeno artista com o espaço que permite e uma educadora que acolhe os desejos infantis e impulsiona-os (Anexo B).

A partir do desejo de explorar as tintas espacialmente apresentado por este educando, carinhosamente chamado de apreciador de Jackson Pollock, a educadora decide então tentar algo novo: em uma outra sala, forrou todo o espaço com papel kraft e fita crepe, colocou tintas azul, vermelho e branca em bisnagas e criou um ambiente para investigação artística, convidando-o para entrar e demorar-se na experiência (previamente acordada com o corpo docente).

Como um impulso iniciático à ação, a educadora joga a tinta sobre o papel evidenciando a investigação proposta e assim, com um aceno de sim com a cabeça, o pequeno iniciou sua navegação em espaço-tintas, trazendo outros tons para aquela sala – e aos poucos tudo foi ganhando cor violeta (Figuras 52 e 53).

**Figuras 52 e 53** – Registros de uma heterotopia



**Fonte:** Oliveira (2021, p. 81).

<sup>16</sup> O título do subcapítulo faz alusão ao artista norte-americano Jackson Pollock, conhecido por sua técnica de gotejamento de tinta sobre telas.

Na sala, um espelho pôde refletir toda coreografia, e em um certo ponto passou a compor a experiência, ao ser invadido também pelo desejo de cor do pequeno artista. Em um dado momento, ele percebeu que poderia carimbar sua imagem virtual refletida no espelho e assim o fez, deixando imediatamente de vê-la. Ali outra investigação existira. Neste encontro entre real e virtual, com certeza um outro lugar se criou – uma heterotopia fora registrada.

### 3.6. A poética e dança do Carvão

Este subcapítulo baseia-se na dissertação de mestrado de Vanessa de Oliveira Silva (2024, p. 123 a 128) chamada *UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA: Possibilidades e Desafios*.

Optei por incluir este exemplo por alguns motivos. Primeiro, porque há poucos trabalhos dedicados a pesquisar as práticas de ateliê voltadas a adolescentes, e este é um deles. Além disso, essas práticas, realizadas em duas aulas e, possivelmente, com turmas diferentes, exploram um mesmo elemento – o carvão – a partir de duas linguagens distintas: o desenho e a expressão corporal.

A primeira aula teve início com a leitura e análise de obras que utilizavam o carvão como técnica artística: as animações de William Kentridge (Figura 54), a série Trágica de desenhos da mãe enferma de Flávio de Carvalho (Figura 55) e a performance O Incrível Homem Pelo Averso, realizada pela professora (Figura 56).

**Figuras 54, 55  
e 56 –**  
Referências  
apresentadas  
aos educandos



**Fonte:** Veja (2016).  
**Fonte:** MAC USP (1963).  
**Fonte:** Silva (2024, p. 123).  
Depois de apresentada as referências, foi proposta uma parte prática aos estudantes:



realizar uma sequência de retratos de impulso com tempos reduzidos (variando de cinco minutos até trinta segundos) e utilizando o carvão como material riscante.

**Figuras 57 e 58** – Retratos de Impulso dos artistas em formação



**Fonte:** Silva (2024, p. 124 e

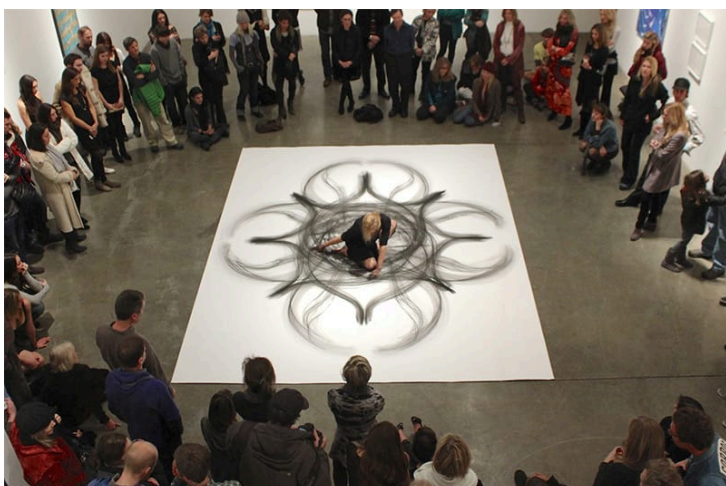
125).

Durante o exercício, o ambiente se transformou: o silêncio tomou conta da sala, as mãos se sujaram de carvão e os olhares se cruzaram em concentração, para traçar os rostos com precisão. Em pouco tempo o espaço estava tomado por desenhos espalhados e uma atmosfera de descoberta e encontro – do próprio traço, de um material novo, de trocas e novas visões sobre si e sobre os colegas de sala.

A segunda prática “Carvão e expressão corporal – Intervenção na Escola ou Sujeira?” teve como inspiração o trabalho de Heather Hansen (Figura 59), apresentado aos estudantes a ideia de explorar o gesto e o corpo como instrumentos de criação.

Embora a intenção inicial fosse desenhar sobre papel kraft, a prática acabou acontecendo diretamente no chão da escola, transformando o espaço em suporte artístico. No início, os estudantes hesitaram, mas aos poucos se engajaram, riscando o chão com carvão e criando traços livres, movidos pela expressividade e pelo prazer sonoro e visual do material em contato com o suporte.





**Figura 59** – The Value of a Line, de Heather Hansen, na Galeria Ochi em Ketchum, Idaho

**Fonte:** Hansen (2014).

O pátio, que antes era um espaço de trânsito comum – quase um não lugar<sup>17</sup>, virou um campo de experimentação coletiva. As linhas traçadas no cimento geraram novas proposições – os alunos começaram a brincar de caminhar sem pisar nas marcas feitas, possibilitando momentos brincantes e diversão corporal. E a intervenção acabou envolvendo e criando curiosidade em observadores externos, como professores, outros estudantes e até os cachorros da escola.

**Figura 60** – A dança do Carvão



**Fonte:** Silva (2024, p. 128).

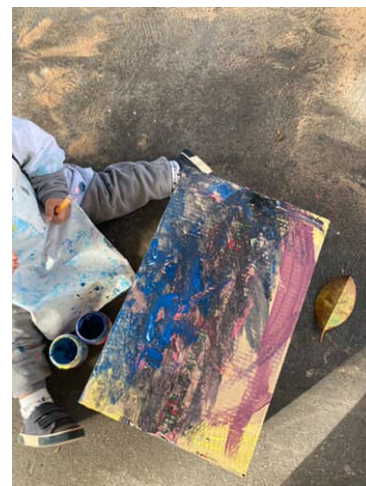
<sup>17</sup> Termo cunhado pelo antropólogo francês Marc Augé para descrever espaços de transitoriedade: funcionais, padronizados, desprovidos de identidade e que não criam vínculos e significados a seus usuários, como rodoviárias, aeroportos, etc.

Esta experiência evidencia a potência de ver o espaço enquanto um propositor e impulsionador das investigações, e também mostrando que o ateliê pode se expandir para além das paredes em que até o chão da escola pode se tornar território de criação, diálogo e descoberta. Ela também nos aponta a possibilidade de trabalhar o ateliê não só com crianças, mas com adolescentes e até adultos, resgatando nossas características de brincantes curiosos, que muitas vezes deixamos guardadas em nossa infância, e que precisamos de estímulos para revisitá-las.

### 3.7. Memórias da Formação Prática Acadêmica

Ao realizar essa pesquisa e escrever este capítulo, fui invadida por uma memória feliz do primeiro estágio realizado na graduação: fazia sol em Bauru e eu estagiava na educação infantil, numa escola municipal, em 2023. A professora que eu acompanhava havia guardado várias caixas de papelão que chegaram com itens para a escola e decidiu, então, levar as crianças de 2 anos para o pátio e propor uma atividade com tintas, usando como suporte estas caixas. E ali eu pude presenciar mais uma investigação, dessa vez de pequenas mãos que tentavam entender como segurar pincéis, qual a textura da tinta, o que era aquele suporte não convencional, como se dava esse processo de pintar, que para eles ultrapassava o usual e precisava ser sentido com o corpo, e assim o fizeram (Figuras 54, 55, 56, 57, 58 e 59). Ali eu testemunhei um ateliê existir.

**Figuras 61, 62, 63, 64, 65 e 66 – Banho de tinta ou lembranças coloridas**







**Fonte:** Própria autoria (2023).



caminhos que chegamos - análise  
e discussão de resultados

#### **4. CAMINHOS QUE CHEGAMOS – ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Neste capítulo, apresento os caminhos que esta pesquisa chegou, a partir da análise e discussão dos resultados apresentados nas páginas a seguir.

##### **4.1. Arte-Educação e Práticas Educativas de Bauru**

No caminhar desta pesquisa, senti a necessidade de entender melhor como ocorrem as práticas pedagógicas da cidade de Bauru, localidade onde essa pesquisa está situada. Para que assim, pudesse analisar o quanto o ateliê e seus conceitos têm sido aplicados no dia a dia das aulas de arte da cidade.

Para atingir esse objetivo, foi realizada uma pesquisa por meio de um questionário realizado via Google Forms e enviado a professores e grupos de professores, através das redes sociais. Este formulário atendeu aos princípios éticos no que diz respeito à participação dos educadores – que tiveram seu anonimato mantido e expressaram seu consentimento, formalizado pela concordância do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), disposto logo no início do questionário e que pode ser visto nos Apêndices A e B.

As questões foram divididas em três seções:

1. O Perfil do Educador, contendo as seguintes perguntas:
  - a. Qual é sua formação acadêmica?
  - b. Há quanto tempo atua como professor?
  - c. Em qual etapa de Ensino, você atua?
  - d. Em qual rede de ensino você atua?
2. Práticas de Arte e Ateliê, que englobou as seguintes questões:
  - a. Em sua escola, você possui uma sala de Arte ou um Ateliê?
  - b. Quais materiais você mais utiliza em suas aulas de arte? De que forma costuma explorá-los com os educandos?
  - c. Como você compreende e organiza o tempo em suas aulas de arte?
  - d. Como você organiza o espaço em suas aulas de Arte?

- e. Você já ouviu falar no conceito de Estado de Ateliê/Ateliê na arte-educação? “O ateliê deve ser entendido não apenas como um espaço físico, mas como um estado: uma vivência que promove investigações, através da experimentação e relação com o corpo e presença (sentidos), materialidades, espaço, tempo e linguagens.”
  - f. Você sente que a escola em que atua oferece condições adequadas para um trabalho mais experimental em Arte (materiais, espaço, tempo, apoio)?
  - g. Na sua rede de ensino, existe algum espaço de formação continuada voltado para práticas educativas em arte?
  - h. Você considera importante uma formação específica em ateliê para professores?
3. Desafios, visando identificar possíveis obstáculos, a partir do questionamento abaixo:
- a. Quais são os principais desafios que você encontra para desenvolver propostas investigativas e processuais em Arte?

Esta etapa do trabalho adquiriu tanto um caráter qualitativo quanto quantitativo, uma vez que através dos dados coletados no perfil do educador e em algumas outras perguntas fechadas, foi possível traçar parâmetros mais gerais em gráficos quantitativos, enquanto nas demais seções, em que as perguntas foram abertas, as respostas foram mais livres, requerendo uma análise qualitativa das mesmas.

Por isso, para embasar tal análise, utilizo principalmente da abordagem de Análise de Conteúdo, cujo principal autor a discorrer sobre ela é Bardin (1977, p. 42), que a define como

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Com base na Análise de Conteúdo, o caminho metodológico percorrido pode ser visualizado no seguinte esquema (Fluxograma 1):



### Fluxograma 1 – Desenvolvimento da Pesquisa

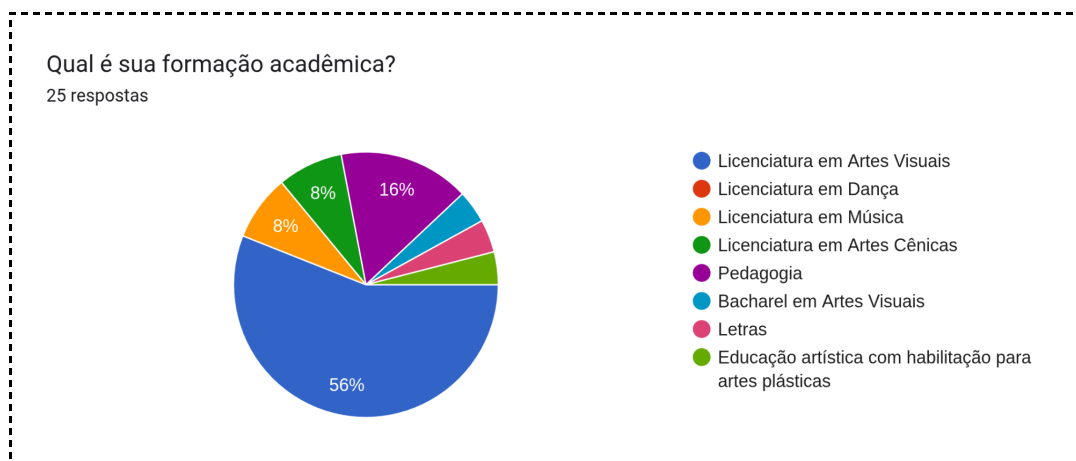


**Fonte:** Adaptado de Bardin (1977, p. 102)

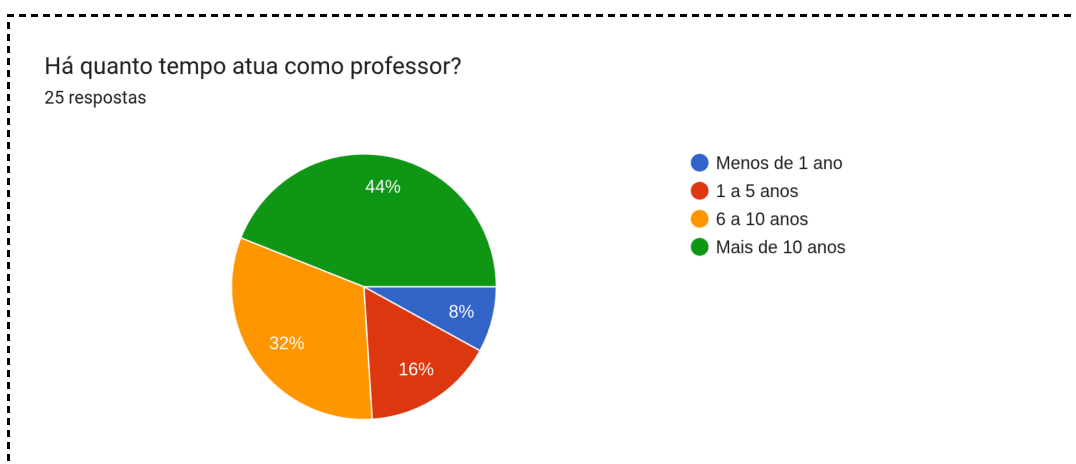
O questionário obteve vinte e cinco respostas e ao analisá-las, é possível chegar a algumas interpretações, que serão desenvolvidas nos próximos parágrafos. Antes disso, porém, recorro à Análise do Discurso para destacar a importância de estabelecer que a interpretação é realizada por alguém – neste caso, por mim – e, portanto, a leitura desses dados também é atravessada por aquilo que me afeta: minhas crenças, experiências e posições políticas. Isso torna a análise igualmente discursiva, ou seja, uma produção de sentido a partir da linguagem, contexto histórico e das formações ideológicas (Caregnato; Mutti, 2006).

A primeira seção – Perfil do Educador – conta com perguntas fechadas, com respostas pré estabelecidas, as quais podem ser vistas a partir dos gráficos abaixo (Gráficos 4, 5, 6 e 7):

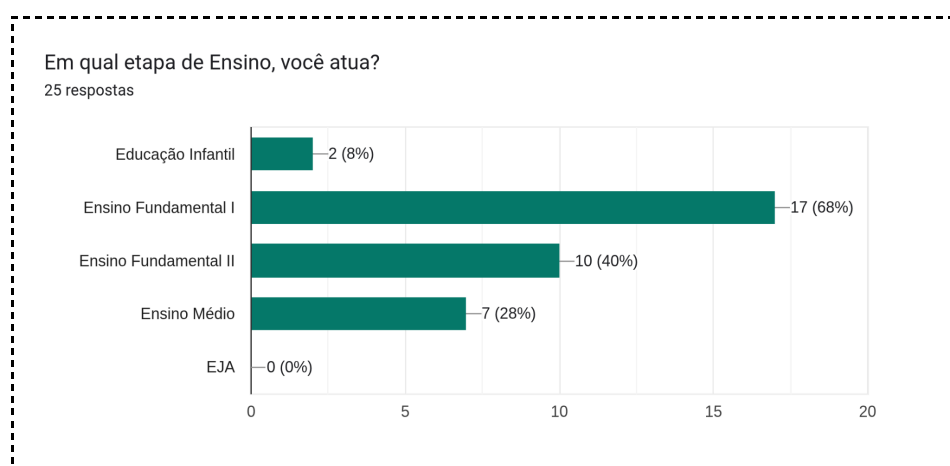


**Gráfico 4 – Formação acadêmica**

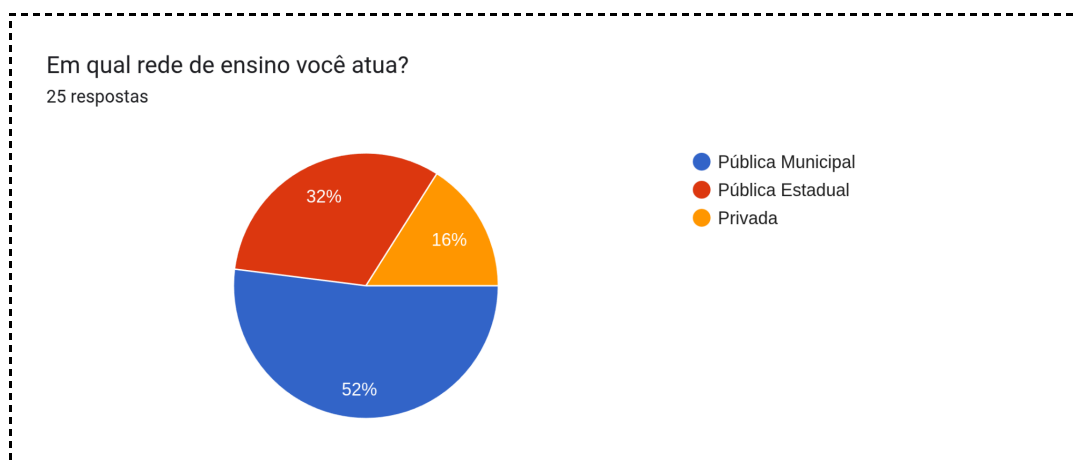
Fonte: Própria autoria (2025).

**Gráfico 5 – Tempo de atuação**

Fonte: Própria autoria (2025).

**Gráfico 6 – Etapa de Ensino**

Fonte: Própria autoria (2025).

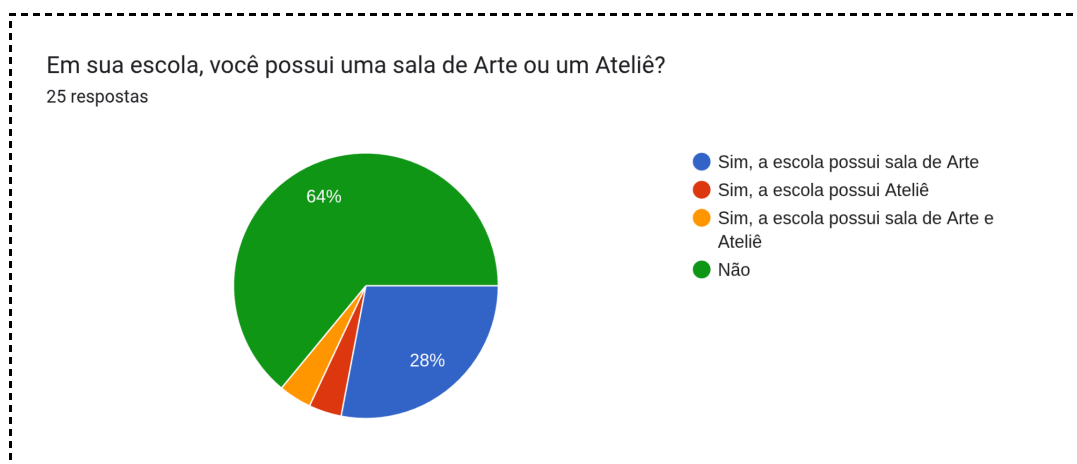
**Gráfico 7 – Rede de Ensino**

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Assim, a respeito do perfil do Educador, podemos notar que mais da metade dos respondentes é formado por licenciados em Artes Visuais (56% – aumentando para 57% se considerada também o antigo curso de Educação artística com habilitação para artes plásticas), e tem tempo de atuação de no mínimo 6 anos (32% atuam entre 6 a 10 anos, enquanto 44% atuam a mais de 10 anos – totalizando 76% dos analisados). Em relação à etapa e rede de ensino em que os educadores se dedicam – 68% atua no Ensino Fundamental I, etapa com maior incidência de professores pesquisados atuando. E 84% atua na esfera pública – sendo 52% no Município e 32% no Estado, contra 16% trabalhando em escolas particulares.

A leitura destes dados nos permite observar um grupo de educadores com tempo de atuação considerável, expressando maturidade e compromisso profissional, mas também uma rotina escolar exaustiva e impositiva, que muitas vezes acaba por distanciar o professorado de espaços acadêmicos e formativos. No que diz respeito aos conceitos de Ateliê e Estado de Ateliê, as respostas tecidas que veremos mais adiante corroboram com esta hipótese: há uma falta de conhecimento referente a este tipo de formação.

A segunda seção do questionário – Práticas de Arte e Ateliê – apresenta uma mescla de perguntas abertas (dissertativas e livres) e perguntas fechadas (com itens de escolha). Assim, as respostas dissertativas foram tabuladas em três tipos: próximas (dos conceitos do ateliê), parcialmente (próximas dos conceitos do ateliê) ou distantes (dos conceitos do ateliê). O primeiro gráfico pode ser vistos abaixo (Gráficos 8):

**Gráfico 8 – Salas de Arte/Ateliê**

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Acerca da segunda seção do questionário, 64% afirma que a escola em que atua não possui sala de artes nem ateliê, 28% possuem sala de arte em suas escolas, enquanto apenas 2 pessoas possuem ateliê nas dependências escolares – uma apenas com ateliê e outra com ateliê e sala de arte na mesma escola, o que indica uma ausência de espaços dedicados à arte e à experimentação sensível.

Embora a amostra de 25 respostas da cidade de Bauru apresente índices mais positivos em comparação aos dados gerais do Estado de São Paulo e/ou do Brasil, conforme apontado no relatório de Almada mencionado no referencial teórico, ainda é possível observar um cenário de desigualdade no acesso a espaços próprios para o ensino de arte. Dos participantes, 64% afirmam não dispor de um ambiente físico destinado às práticas artísticas, o que significa que mais da metade das escolas ainda carece de um espaço estruturado para o desenvolvimento de experiências em arte.

Para aprofundar essa análise, achei relevante aprofundar-me nas respostas de forma individual, para entender como isso se dá no comparativo entre escola privada e pública. Tal análise pode ser vista no quadro abaixo (Quadro 2):

**Quadro 2 – Escola x Espaços**

| Tipo de Escola | Possui Sala de Arte | Possui Ateliê | Possui Sala de Arte e Ateliê | Não possui Sala de Arte nem Ateliê |
|----------------|---------------------|---------------|------------------------------|------------------------------------|
| Estadual       | -                   | 1             | -                            | 7                                  |
| Municipal      | 6                   | -             | -                            | 7                                  |
| Privada        | 1                   | -             | 1                            | 2                                  |

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Das 4 respostas que tivemos vindas de escolas particulares, 1 apresenta sala de artes (25%), 1 apresenta sala de artes e ateliê (25%) e outras 2 não possuem nenhum dos ambientes (50%). Com relação às escolas municipais, 6 possuem salas de arte, enquanto 7 não possuem nem sala de artes nem ateliês. Já na esfera Estadual, 7 escolas não apresentam nenhum dos espaços e 1 possui ateliê. A maior amostra que tivemos refere-se às escolas municipais, evidenciando um caráter positivo das mesmas, em que 46% das analisadas possuem ao menos um espaço de arte – as salas de arte. Em contrapartida, em relação ao Estado, há apenas 12,5% (1 de 8 escolas avaliadas) com um espaço físico para arte.

Essas constatações reforçam a pertinência de compreender Ateliê, não apenas como estrutura física, muitas vezes inexistente, mas como um estado de presença, disponível ao sensível – ao encontro entre arte e experiência, um modo de estar no mundo que pode emergir nas brechas do cotidiano escolar, mesmo diante das limitações estruturais.

Optei por estruturar as respostas dissertativas em quadros, em que as analisei e reorganizei em próximas, parcialmente próximas ou distantes dos conceitos de Ateliê referenciados nesta pesquisa – tempo, espaço e materialidade (Quadros 3, 4 e 5).

**Quadro 3 – Como você organiza o espaço em suas aulas de Arte?**

| Próximo                                                                                                                     | Parcialmente                                                                                                                                                                          | Distante                                                                                           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Disponho vários materiais ao alcance dos alunos para que eles possam explorar, geralmente apresento imagens e uma pesquisa. | Para as atividades de prática instrumental divididas por naipes ou grupos de estudos, os educandos se dividem na própria sala, em alguns momentos se utiliza uma segunda sala para os | Não interferir na organização da sala pq a aula dura apenas 50 minutos e isso a sala de aula comum |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | instrumentos de percussão. Os ensaios tuttis são realizados na mesma sala, com os instrumentos organizados em um formato parecido com um palco, com uma boa visão dos alunos para a regência do professor.      |                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Tento trabalhar com ilhas de materiais onde os estudantes podem enxergar todos os materiais e escolher o que prefere usar.                                                                                                                                                                             | Conforme a temática da aula e o 'comportamento' da turma. Uma aula mais dialogada, a sala em U. Uma aula de criação individual, as fileiras tradicionais e etc.                                                 | Deixar os cadernos dos alunos nas prateleiras no fundo da sala e a disposição dos materiais fica na bancada. É parte da aula manter a organização para pegar e guardar os cadernos e também para manter os materiais organizados nos locais corretos |
| Procuro organizar o espaço com o material que será utilizado, para os alunos ao adentrarem a sala já se sintam integrados e estimulados. No atual contexto, as crianças estão sempre muito ativas e agitadas e na minha aula procuro baixar a energia e permitir que eles deixem a criatividade fluir. | São 8 mesas sextavadas, procuro organizar 4 estudantes, 2 de cada lado. Assim fica tranquilo.circular por entre eles sem obstáculos (mochilas, lancheiras)                                                      | Divido a sala com professores polivalentes e tenho um armário coletivo usado com outros professores. O espaço é bem restrito                                                                                                                         |
| Depende da aula tb, se vamos fazer uma aula de Dança ou Teatro por exemplo prefiro fazer em um espaço aberto. Mas dependendo da atividade sempre pergunto a opinião para a sala, para terem o melhor ambiente possível                                                                                 | Minha sala de aula é comum e compartilhada com a professora do 4º ano da tarde. Tento me adequar as exigências do que vou trabalhar no dia.arrastando as carteiras ou juntando em grupos, depende da atividade. | Gosto de trabalhar em grupo                                                                                                                                                                                                                          |
| O ateliê tem uma bancada de concreto em formato de "U". Dependendo da atividade, as crianças se separam em grupos ou não. Também podem usar a bancada, mas tmb o chão, algumas mesas e a circulação dentro do espaço fica mais livre.                                                                  | Utilizo vários espaços: sala de aula, biblioteca, fablab, quadra.                                                                                                                                               | Prof de arte                                                                                                                                                                                                                                         |
| Gosto que as aulas de arte acontecem em espaço abertos e que permitam ampla movimentação corporal das crianças e uma 'efetiva sujeita'. Então, planejo minhas aulas no gramado, no quiosque, no pátio,                                                                                                 | Depende da atividade proposta. Na escola onde leciono a sala de arte possui 6 mesas sextavadas, então, os alunos se sentam em grupos. O espaço é bem pequeno, dependendo da atividade usamos o espaço           | Geralmente não tenho muito espaço na sala e como meu tempo é curto, procuro levar os materiais já previamente prontos e organizados.                                                                                                                 |



|                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                            |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| etc. Preparo antes o que vou utilizar de material e os levo comigo para esses espaços. Peço que as crianças aguardem alguns minutos e organizo tudo (isso porque eu não tenho auxiliar para ajudar nesses momentos). | externo da sala também.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                      | A sala de arte já tem um espaço diferente, disposto com 2 grandes mesas paralelas, então utilizo-a dessa maneira. Quando as atividades são dentro da sala de aula, não há mudança na organização das cadeiras/mesas.                                                                                                                                | Utilizo a sala de aula normal, e para não atrapalhar a ordem nem outras matérias, mantenho do jeito que encontrei.         |
|                                                                                                                                                                                                                      | A sala já dispõe de mesas redondas compartilhadas que é um bom jeito de trabalhar em grupos, mas quando precisa fazemos roda também ou vamos para o pátio no parquinho ou caixa de areia.                                                                                                                                                           | Não organizo, os estudantes ficam muito agitados com esse tipo de coisas então trabalho da forma como o espaço se encontra |
|                                                                                                                                                                                                                      | Depende do tipo de proposta que a atividade exige. Em atividades mais lúdicas, costumo juntar as cadeiras uma de frente para outra e fazer uma grande mesa (ou, se estiver liberado, trabalhamos nas mesas do refeitório) em atividades mais oral, como cotação de história e encenação, fazemos uma roda onde um consiga ficar de frente pro outro |                                                                                                                            |
|                                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                            |
| <b>26,09%</b>                                                                                                                                                                                                        | <b>39,13%</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                       | <b>34,78%</b>                                                                                                              |

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Assim, a respeito dos espaços, apenas 26,09% das respostas apresentadas foram consideradas próximas dos conceitos desta pesquisa. O principal ponto que avalei estar distante das ideias de ateliê é não pensar o espaço como um propositos e impulsionador da prática/investigação. Na maioria das respostas, há uma ausência de pensar o espaço e organizá-lo como parte do processo educativo também.

**Quadro 4** – Quais materiais você mais utiliza em suas aulas de arte? De que forma costuma explorá-los com os educandos?

| Próximo                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              | Parcialmente                                                                                                                                                                                                                                                                                            | Distante                                                                                    |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Uso bastante papéis (sulfite coloridos, crepom, cartão e etc), canetinhas, giz, lápis e caderno. Sempre proponho conforme a atividade e de forma criativa, com recortes, colagens, já que temos poucos recursos disponíveis na escola. Até a própria natureza, com atividades de criação a partir dos elementos.</p>                                                                                                                                                                                                              | <p>Caderno de arte lápis de cor canetinha tinta Aquarela papel canson tinta guache e pincéis</p>                                                                                                                                                                                                        | <p>Caderno e lápis de cor, canetinhas, dentre outros</p>                                    |
| <p>Instrumentos musicais de cordas dedilhadas, teclados, pianos eletrônicos, bateria, instrumentos de percussão de mão e teclas de percussão, comutadores, materiais recicláveis e escolar. No geral, os materiais são explorados através de aulas práticas instrumentais - estudo por naipes de instrumento e ensaios tutti, atividades de leitura e percepção com jogos e instrumentos musicais, atividade de confecção de instrumentos com materiais recicláveis, atividades de canto coral, jogos musicais nos computadores.</p> | <p>Os materiais que estão disponíveis, as vezes preciso levar de casa. Papel com colagem, spray de graffiti, giz de cera, tinta acrílica e guache, bastante instrumentos musicais. Cada sala uso de uma maneira, as vezes mesmo sendo do mesmo ano, cada sala a forma de ensinar é muito particular</p> | <p>Utilizamos muita tinta, giz e lápis de cor. Os alunos têm os materiais a disposição.</p> |
| <p>Papéis diversos, linhas/barbantes/lã..., sucatas, elementos da natureza...</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | <p>Costumo usar materiais como Eva, massinha de modelar, tinta guache, TNT para recorte etc</p>                                                                                                                                                                                                         | <p>Papéis, recortes de revista e lápis de cor.</p>                                          |
| <p>Riscantes, tintas diversas, papéis diversos, massinha de modelar, carvão, materiais não estruturados, elementos da natureza (galhos, folhas), miçangas, linhas diversas. Trabalho respeitando o planejamento e Plano de Ensino, mas dando liberdade para meus alunos criarem. O ensinar dirigido também é proposto para aprimoramento.</p>                                                                                                                                                                                        | <p>Guache, massinha, lápis de cor, canetinha, argila, diversos tipos de papéis.</p>                                                                                                                                                                                                                     | <p>Recicláveis</p>                                                                          |

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |                                                                                                                                                                                                                                                   |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Tintas, materiais gelatinosos para exploração de diversas texturas, papéis, suportes variados, etc. Como trabalho com crianças de 2 anos, costumo apresentar esses materiais com a finalidade de que haja exploração, apropriação acerca da materialidade deles, conhecimento sobre as maneiras de manuseá-los.</p> | <p>Folha sulfite, cartolina, EVA, papel crepom, lápis de cor, tinta guache, cola, tesoura e rádio . Exploramos essas matérias de acordo com o conteúdo estudado para fixar o conhecimento e incentivar a criatividade e o pensamento crítico.</p> | <p>Os materiais mais usados são cartolina, tintas e lápis de cor. Durante atividades de produção criativa são bastante explorados os desenhos e colagens.</p> <p>Que são usados na feitura de cartazes pra apresentação de trabalho expositivos (principalmente no caso do 9º ano e ensino médio), exploração gráfica e criativa no papel, observação, construção de personagens e narrativa, quadrinhos... e o espaço não fica limitado as artes visuais sendo usado na atividades relativas ao campo da dança, música e teatro.</p> <p>As vezes também usados por outras disciplinas acompanhadas ou não pelos professores de arte.</p> |
| <p>Costumo explorar e variar os materiais disponibilizados na escola ou que os estudantes possuem em casa. Já trabalhei com instrumentos musicais, tinta, telas, spray de tinta, lápis de cor, carvão etc</p>                                                                                                          | <p>Vários tipos de suportes e tecnologias. Desde a argila até recicláveis.</p>                                                                                                                                                                    | <p>Materiais diversificados de arte.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <p>Todos os materiais disponíveis na escola (que normalmente são materiais de "papelaria") e materiais recicláveis.</p>                                                                                                                           | <p>Caderno de artes, materiais dos estudantes como lápis de cor e canetas, cartolinas, papeis diversos e recursos tecnológicos. Fazemos atividades meio de apresentações em sala com slides sobre temas que estão estudando ou atividades no caderno, além de provas.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <p>Tintas, argila, revistas, papeis diversos, lápis de cor, linhas, giz pastel. São usados a partir das propostas em sala de aula, com base no que estamos estudando ou os materiais disponibilizados pelo município.</p>                         | <p>Lápis de cor, lápis de escrever, papel a4</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | <p>tudo vira material pra criança pequena - mas uso muito reciclável e materiais de arte,</p>                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |

|               |                                        |               |
|---------------|----------------------------------------|---------------|
|               | tintas, lápis, canetinhas, papeis, etc |               |
|               |                                        |               |
| <b>26,09%</b> | <b>39,13%</b>                          | <b>34,78%</b> |

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Os materiais mais respondidos – papel, lápis, tinta, giz e relacionados – reforçam uma predominância de práticas bidimensionais, centradas em técnicas tradicionais e principalmente práticas ligadas aos desenhos. Há poucos exemplos de materialidades que reverberam e incentivam outras linguagens (26,09% de respostas próximas aos conceitos de Ateliê) – seja modelagem (esculturas), sonoras (músicas e instrumentos musicais), corporais (dança, teatro, jogos), verbais (narrativas, contação de histórias) e lúdicas.

**Quadro 5** – Como você compreende e organiza o tempo em suas aulas de arte?

| <b>Próximo</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             | <b>Parcialmente</b>                                             | <b>Distante</b>                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Uma parte mais teórica, com contextualização de técnicas e histórias sobre artistas e uma parte mais prática de experimentação. Sempre busco trazer um momento de partilha entre os trabalhos/desenvolvidos para socializar os processos e as criações.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    | Tempo para explicação conceitual e prática                      | Tento conciliar o tempo entre apresentação de proposta e atividade prática. Mas o tempo é sempre muito curto.                  |
| As aulas no fund 1 normalmente são divididas em 2 ou 3 partes, onde são aplicadas atividades diferentes, jogos musicais, instrumentos, canto.<br>No fund 2 as aulas normalmente são divididas em 2 partes, no primeiro momento os educandos estudam os instrumentos musicais em grupo divididos por naipes, na segunda parte da aula se realiza um momento de execução em formação tutti ( todos instrumentos juntos). Também no fund 2, as aulas podem se intercalar entre: teoria e prática, literatura e apreciação, leitura e percepção, pesquisa e diálogo socrático, | 15 minutos de aula expositiva e 35 minutos de atividade prática | Costumo levar as coisas pré feitas assim ganho tempo e fica mais organizado. Quando o processo é longo fazemos em mais etapas. |

|                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| dentre algumas outras propostas.                                                                                                                                                                                                      |                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                      |
| 10 minutos de aula expositiva e 40 de prática. Trabalho com projetos e sequência didática.                                                                                                                                            | Tiro um período da semana em que me dedico a planejar as aulas do mês e a revisar o que deu certo e o que não fluiu.                                                                                                                                      | Procuro organizar meu horário no início do ano letivo, com as turmas da mesma série no dia da semana, e isso favorece. E a organização diária/semanal é preparada dia anterior (ATPI)...                             |
| Normalmente início com uma apreciação artística, análise e contextualização e por fim a criação.                                                                                                                                      | Preciso ser dinâmico por conta do tempo da atenção das crianças hoje em dia. Normalmente divido cada aula em 2 partes. 1- Teoria/troca de ideias e 2-Pratica/reflexão                                                                                     | São 2 aulas semanais e organizo conforme o planejamento semanal .                                                                                                                                                    |
| Compreendo que o tempo é essencial, principalmente quando se trata de crianças pequenas que necessitam do contato e masuseio de materiais artísticos. Por isso, procuro reservar um tempo maior para que esse contato seja garantido. | Introdução com rodas de conversa e explicação do assunto (10 - 15 min), desenvolvimento da atividade (30 min) e finalização com organização da sala ( 5 - 10 min). Tenho apenas 1 aula na semana por turma com duração de 50 minutos.                     | Sou pedagoga                                                                                                                                                                                                         |
| O tempo é bastante escasso, mas costumo fazer um breve momento de explicação e contextualização e depois partir para a prática.                                                                                                       | Os ciclos são apresentados em sala de aula normal, aulas expositivas e atividades de caderno/livro. Para a realização de atividades e trabalhos artísticos e/ou mais dinâmico, o ateliê é usado.                                                          | Se for apresentação depende da quantidade de grupos que a sala tiver, mas sempre acaba se estendendo de uma semana para outra. Quando é aula explicativa, primeiro explico, depois passo a atividade para os alunos. |
| na educação infantil as aulas não são separadas por disciplina então eu consigo organizar o tempo de acordo c as propostas e também os momentos das crianças                                                                          | Minhas aulas são duas aulas de 50 minutos semanais por turma. Eu procuro organizar dentro desse tempo, mas faço projetos que podem durar um bimestre.                                                                                                     | Num primeiro momento uso o início da aula para cumprir com as minhas obrigações: fazer chamada e passar os slides do governo, na segunda aula costumo passar uma atividade prática                                   |
|                                                                                                                                                                                                                                       | Depende da faixa etária. Mas no geral, pensando em uma aula de 50 minutos, levamos 5 minutos de entrada na sala e organização da turma, 30 minutos de conteúdo/produção, 15 minutos de organização final (organização e limpeza dos materiais e da sala). | Geralmente divido minha aula em semanas devido ao curto tempo para desenvolver as propostas, dessa forma, em uma semana utilizo duas aulas para a teoria, aplicando a prática somente nas aulas da semana seguinte   |
|                                                                                                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                           |                                                                                                                                                                                                                      |
| <b>30,43%</b>                                                                                                                                                                                                                         | <b>34,78%</b>                                                                                                                                                                                                                                             | <b>34,78%</b>                                                                                                                                                                                                        |

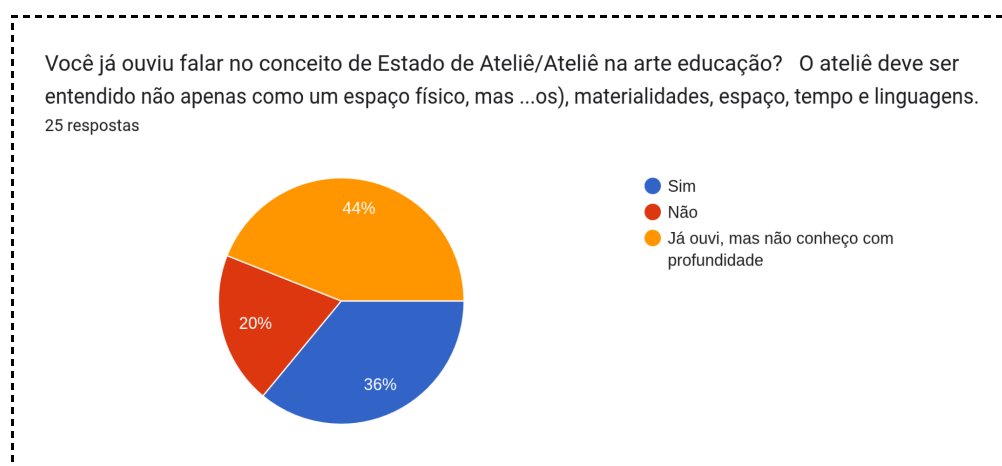
Fonte: Própria autoria (2025).



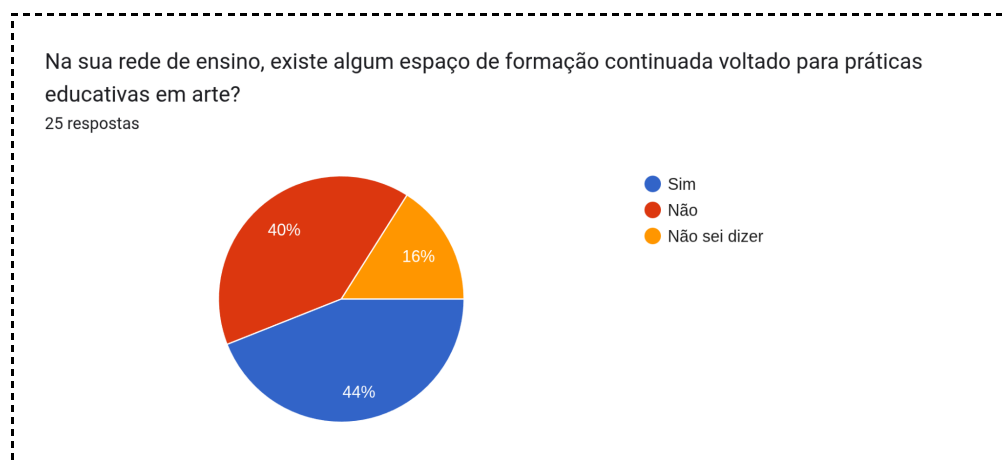
O tempo das aulas também é apontado como um dos maiores desafios, também aparecendo nas afirmativas da seção seguinte. As respostas nos levam a pensar que trocas de aulas com outros professores, trabalhos interdisciplinares e/ou projetos diferentes que ocupem um maior período de tempo são poucos explorados na rotina do professorado de artes de Bauru. Isso evidencia que é necessário alargar este tempo e pensar formas de realizá-lo. Nesta seção, 30,43% do que foi respondido foi considerado em proximidade aos conceitos de Ateliê.

Em linhas gerais, há bastante consonância entre as respostas e porcentagem de proximidade, parcialmente próximo e distante do ateliê das respostas sobre ateliê (Gráfico 9), em que 36% afirma conhecer o conceito e outros 44% afirma conhecer mas não com profundidade. As respostas dissertativas indicam que esse conhecimento ainda é incipiente e superficial. Esse dado reforça a relevância deste estudo: há reconhecimento, mas não apropriação. Essa pesquisa, assim, vislumbra se configurar como uma ponte entre a teoria acadêmica e o fazer da escola, que ainda desconhece a fundo tais preceitos.

**Gráfico 9 – Familiaridade com conceito de Ateliê**



**Fonte:** Própria autoria (2025).

**Gráfico 10 – Formação Continuada**

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Acerca das respostas desta seção, ressalto, ainda, que 40% relataram não ter espaço de formação continuada voltada para professores na escola ou comunidade escolar em que atuam (Gráfico 10) e 100% dos respondentes demonstraram interesse em formações continuadas específicas sobre Ateliê (Gráfico 11). Dois dados bastante expressivos que nos evidenciam primeiro uma falta de espaços de formação e em segundo lugar, a existência de abertura e disponibilidade para as ideias que o ateliê evoca por parte dos professores. E a partir deles, que esses conceitos possam caminhar até o chão da escola e propor também uma outra educação. Assim, essa análise sustenta e justifica a relevância deste estudo.

**Gráfico 11 – Formação específica em Ateliê**

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Já a última seção do questionário investiga os desafios da educação Bauruense, no olhar dos educadores. Para essa análise, optei por segmentar as respostas a partir de eixos temáticos e contabilizá-los, que podem ser vistos no quadro abaixo (Quadro 6).

**Quadro 6 – Principais Desafios**

| Principais Desafios                       | Quantas vezes é citado | Porcentagem |
|-------------------------------------------|------------------------|-------------|
| Tempo/Poucas aulas/horas                  | 7                      | 33,33%      |
| Falta de verba, materiais e profissionais | 6                      | 28,57%      |
| Indisciplina                              | 4                      | 19,05%      |
| Falta de espaços                          | 3                      | 14,29%      |

**Fonte:** Própria autoria (2025).

Os principais desafios trazidos pelos questionados estão intrinsecamente ligados ao sucateamento da educação básica e sobretudo a educação pública, em que grande parte relaciona-se com a diminuição das aulas de artes (tempo das aulas) ou falta de recursos, materiais e espaços – sejam eles físicos ou estruturais. Neste sentido, é importante compreender que tais questões não são isoladas ou decorrentes exclusivamente das escolhas individuais dos professores, mas estão profundamente relacionadas às políticas educacionais e a crescente onda neoliberal presente na educação, em que a disciplina de arte tem sido duramente afetada.

Nos últimos anos, especialmente a partir das mudanças promovidas pela Lei nº 13.415/2017<sup>18</sup>, que instituiu uma reforma do Ensino Médio, observa-se um enfraquecimento do lugar da Arte na educação básica, retirando sua obrigatoriedade enquanto disciplina nesta etapa do ensino e inserindo-a em na área de conhecimento das Linguagens. Dessa forma, sua presença no currículo do Ensino Médio passou a ser diluída, muitas vezes incorporada de forma transversal ou optativa nos itinerários formativos, o que, na prática, resultou na redução da carga horária e no esvaziamento de suas possibilidades pedagógicas nos anos finais de formação escolar. Esse movimento impacta diretamente a continuidade do ensino de Arte e limita a construção de processos educativos mais aprofundados e experimentais.

<sup>18</sup> Lei elaborada a partir da Medida Provisória nº 746, de 2016, no governo Michel Temer, que altera alguns artigos da LDB 9394/1996 referente ao “Novo” Ensino Médio.

Além disso, há ainda um desafio da indisciplina e falta de conexão por parte dos educandos, que muitas vezes, não veem sentido na educação artística, sobretudo se a mesma apresentar-se distante da realidade e dos interesses dos discentes.

Claro que o ateliê não pode e nem irá resolver todos os problemas e esferas da educação em artes, mas ele se mostra como uma outra possibilidade – uma abertura – tanto para docentes quanto para discentes, através de experiências e investigações conectadas com os interesses dos participantes. Ele também nos convida a olhar para a materialidade, tempo e espaços da escola de uma outra maneira, desviando do tradicional e muitas vezes inacessível, e propondo o inusitado – os objetos e materiais levados a suas essências, o tempo da experiência e do aprendizado e a ocupação dos espaços em seu potencial educador.

Assim, pensar práticas de Arte a partir do Estado de Ateliê torna-se também um gesto político, na medida em que busca criar brechas e propõe outros termos para a Arte-Educação, mesmo com um sistema educacional que não valoriza a arte e suas possibilidades e nos tolhe de tempos e espaços e legitimidade para experiências sensíveis, investigativas e processuais no cotidiano escolar.

#### **4.2. Material Educativo**

Os dados interpretados no tópico anterior evidenciaram o quanto as práticas de ateliê e o estado de ateliê ainda são superficialmente conhecidos ou até mesmo desconhecidos para grande parte dos arte-educadores.

Neste sentido, torna-se importante, nós, enquanto corpo docente das escolas, buscarmos meios de ampliar nossa formação continuada, aprofundando e conhecendo novos conceitos para a prática pedagógica e assim “contribuir para a mudança educacional e para a redefinição da profissão docente.” (Nóvoa, 2002, p. 38)

Assim, essa pesquisa se propôs ainda a desenvolver um material poético-reflexivo físico ou digital para ser usado nos espaços educativos, concebido para provocar educadores no ensino-aprendizagem. Trata-se de um recurso pedagógico com conteúdos e propensões para enriquecer a experiência pedagógica (Candito *et al.*, 2025).

Este material foi pensado para operar também como um convite impulsionador e uma maneira de transformar o conhecimento acadêmico adquirido

através desta pesquisa em algo disponível e com linguagem acessível aos arte-educadores, que, por vezes, em suas rotinas aceleradas e ocupadas de sobrecarga de trabalho, têm dificuldades de encontrar tempo para aprofundar suas pesquisas e estudos de melhoria da prática docente. Neste sentido, podemos dizer que

ao terem acesso a materiais cuidadosamente compilados e atualizados, os educadores podem refletir sobre suas práticas, desenvolver novas estratégias pedagógicas e aprimorar continuamente suas habilidades. [...] Ao fornecer acesso a informações de maneira prática e acessível, contribui significativamente para a qualidade da educação e do ensino, beneficiando tanto os docentes quanto seus estudantes. (Candito *et al.*, 2025, p. 17)

Por isso, esse documento foi estruturado para apresentar o Ateliê, seu estado e seus pilares, sendo eles: espaço, tempo, materialidade, linguagens e corpo, utilizando como base o referencial teórico discutido no segundo capítulo deste texto.

Para criá-lo, utilizei-me de técnicas manuais e digitais, mesclando colagens à processos de edição em softwares de imagens, com a mesma estética presente neste trabalho.

O Material educativo desenvolvido tem o formato físico de um zine – um tipo de impressão de pequena circulação, criada de forma artesanal, utilizando como recurso as fotocópias para sua distribuição. Ao diagramá-lo, imprimi-lo e dobrá-lo, seu formato final fica semelhante a um pequeno livro ou panfleto (Figura 60).

**Figura 67**  
– Teste Material  
Educativo  
Impresso

**Fonte:** Própria  
autoria (2025).





Com o material montado, as páginas se dividiram em:

1. Capa, contendo o título do Material: Ateliê e Estado de Ateliê: Um convite à experiência (Figura 61);
2. Primeira página, sendo destinada a uma breve introdução e explicação acerca do Estado de Ateliê (Figura 62);
3. Páginas 2 a 6 destinadas a explicar, em cada uma delas, um dos pilares do ateliê: Espaço, Materialidade, Tempo, Linguagens e Corpo (Figuras 62 a 64);
4. Contracapa, finalizando o livro (Figura 61).



**Figura 68 –**  
Contracapa e Capa do  
Material Educativo

**Fonte:** Própria autoria  
(2025).



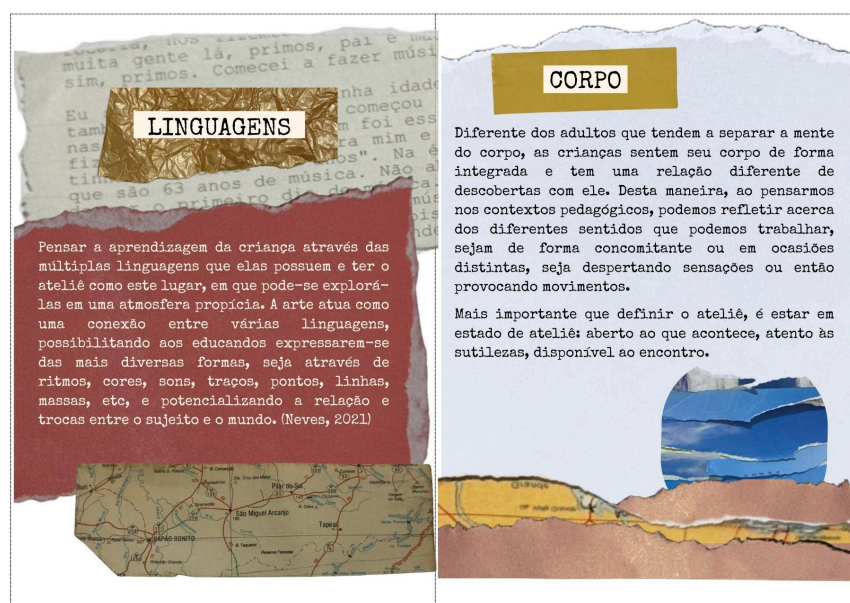
**Figura 69 – Páginas**  
1 e 2 do Material  
Educativo

**Fonte:** Própria autoria  
(2025).



**Figura 70** – Páginas 3 e 4 do Material Educativo

**Fonte:** Própria autoria (2025).



**Figura 71** – Páginas 5 e 6 do Material Educativo

**Fonte:** Própria autoria (2025).

O material ainda pode ser inteiramente aberto, ao desfazer as dobraduras criadas, e ao realizar esta ação, no anverso do material há uma impressão maior de um mapa contendo diversas provocações acerca dos conteúdos trabalhados no material para criação de contextos de ateliê em sala de aula (Figura 65).



Figura 72 – Material Educativo Inteiramente aberto



Fonte: Própria autoria (2025).

No apêndice C deste trabalho, encontra-se o material diagramado para impresso frente e verso.



### **4.3. Aspirações Futuras – Encontro para Arte-Educadores**

Ainda como um caminho para esta pesquisa, aspiro num futuro próximo, propor um encontro para arte-educadores, a fim de trazer para o campo prático toda essa teoria desenvolvida, que será intitulado “Mergulhos Azuis – o Estado de Ateliê na Arte-Educação”.

Este encontro foi pensado para ocorrer em dois momentos: uma mediação e proposição artística e uma posterior explicação da teoria envolvida por trás da experiência proposta.

As referências utilizadas para este evento são: a obra Ouvir o Rio: uma escuta sonora, de Cildo Meireles, a artista Juliana dos Santos e seus trabalhos envolvendo a cor azul, a partir da flor clitória e os trabalhos de Anny Lemos, em sua exposição Azul por Dentro, ocorrida em Bauru de 22 de agosto a 21 de outubro de 2025 (Figura 66).

Dentre as perguntas que criam o contexto dessa experiência estão: Do que é feito azul? Qual som tem o azul? O que cabe no azul?. Os disparadores dos sentidos serão a obra Rio Oir, de Cildo Meireles, utilizada para aguçar a audição e um chá de clitória com lavanda para que os educadores possam sentir o azul.

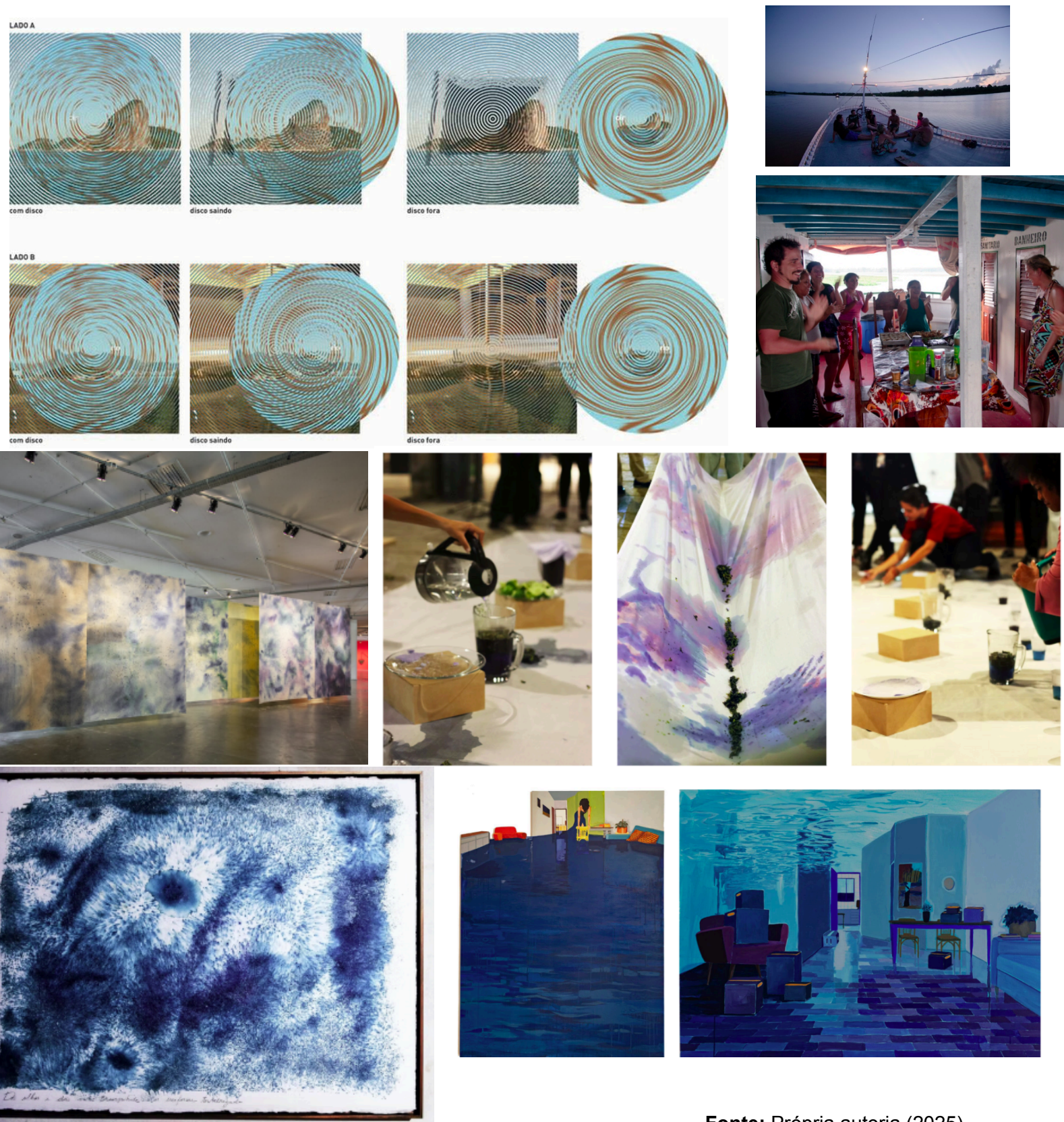
Como proposta prática, os presentes serão convidados a se expressarem pelo azul, utilizando para isso os materiais disponibilizados, sendo eles: papeis diversos, pincéis, lápis, canetas pretas, tesouras, tinta de repolho roxo, tinta de clitória, algodão, giz pasteis azuis, areia, sal, azul de metileno, cola, aquarelas azuis e tons relacionados, acetatos transparentes e azulados, celofane.

Depois, eu ministrarei uma pequena apresentação acerca do Estado de ateliê e seus desdobramentos para a arte-educação, também utilizando o referencial desta pesquisa como aporte teórico.

Por fim, os educadores poderão levar o material educativo desenvolvido neste estudo, para que possam se inspirar e empregá-lo nas suas práticas pedagógicas cotidianas.



**Figura 73 – Montagem das Referências do Encontro**



**Fonte:** Própria autoria (2025).



## **CAMINHOS QUE SE ABREM - CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho de conclusão de curso buscou investigar as práticas educativas bauruenses e sua relação com o Estado de Ateliê. Para isso, visando traçar um caminho metodológico, introduzi o tema, problema e justificativa da pesquisa no capítulo 1. Costurei os autores e referências que compõem este estudo no capítulo 2. Apresentei sete exemplos reais de práticas pedagógicas que dialogam com o Ateliê, funcionando como relatos inspiradores visando ampliar repertórios e provocar a imaginação dos arte-educadores no capítulo 3, enquanto, no quarto e último capítulo desenvolvi uma análise acerca da arte educação do município de Bauru, sua proximidade com os conceitos de Ateliê e seus desafios, resultando por fim num material educativo voltado aos docentes.

Assim, pôde-se compreender que a educação de arte no município de Bauru, embora apresente maior disponibilidade de espaços destinados ao ensino de artes quando comparada ao cenário estadual e nacional, ainda demonstra um conhecimento incipiente no que se refere ao Estado de Ateliê. Observa-se que, na maioria das práticas educativas, os fundamentos de espaço, tempo, materialidade, corpo e linguagens não são abordados de maneira aprofundada, o que evidencia uma abordagem ainda superficial do ensino de arte no que diz respeito a este tema. Os dados também indicam o interesse dos arte-educadores em aprofundar seus conhecimentos sobre essa perspectiva, apontando o material educativo desenvolvido nesta pesquisa como uma ponte para estes conceitos e uma introdução a um outro modo de pensar a educação artística na escola.

Ainda que os caminhos percorridos nesta pesquisa tenham permitido importantes reflexões, é necessário reconhecer algumas limitações: a coleta de dados contou com a participação de apenas 25 educadores de Bauru, por meio de um formulário on-line, o que pode ter impactado a abrangência e diversidade da amostragem. Além disso, não foi possível acompanhar diretamente as práticas educativas nas escolas, nem aplicar o material educativo desenvolvido, em função do tempo disponível e das condições objetivas da pesquisa.

Tais limites, no entanto, não enfraquecem o estudo, mas apontam para desdobramentos futuros nos quais seja possível aprofundar a temática do Estado de Ateliê, por meio de encontros formativos, experiências e práticas em sala de aula e ampliação do diálogo com os arte-educadores da cidade.

Escrever sobre este trabalho foi um desejo que surgiu em mim em 2018, muito antes desse caminho ser desenhado e desembocar neste fim. Mas espero que esta pesquisa não se encerre aqui.

Na verdade espero que ela seja um início – de uma nova aprendizagem sobre os conceitos do Ateliê e suas possibilidades, de compor uma educação outra, de desterritorializar-nos, de levantar em nós mais dúvidas e quem sabe movimentos. Pra mim, com certeza foi um percurso de descobertas – do aprofundamento do tema, do olhar sensível para os nossos dias, de uma nova eu – pesquisadora e escritora – talvez antes nunca encontrada com tanta veemência.

A partir deste texto espero que mais pessoas possam conhecer e se encantar pelo Ateliê – em seu estado de ser e estar no mundo – e que isso incentive processos de aprendizagem com experiências sensíveis, investigativas e polissensoriais, no qual educandos e educadores possam construir significados através do corpo, do tempo, do espaço, da materialidade e das múltiplas linguagens.

Que os dados, análises e exemplos presentes neste trabalho possam colaborar para criar um outro cenário para educação de Bauru, de São Paulo e do Brasil.

O material educativo foi desenvolvido almejando manter a faísca do ateliê acesa e trazer provocações que reverberem em nossa vivência de professores. Pretendo ainda realizar este segundo momento da pesquisa, através de um encontro para arte-educadores em Bauru, conciliando a teoria à prática pedagógica e tornando também os conhecimentos acadêmicos mais acessíveis e próximos ao chão da escola.

Ao longo dessa jornada, encontrei pouca literatura sobre o Ateliê voltada para adolescentes e adultos, seja no Ensino Fundamental II e Ensino Médio da Educação Básica e até mesmo no Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Assim, vejo essa questão também como um caminho de pesquisas futuras.

E que este estudo se apresente como um fôlego – um respiro – para nos manter intencionados e acordar nossos educadores adormecidos. E que não nos esqueçamos: “Os tempos estão difíceis para quem é da arte e da educação, mas sem arte e educação, os tempos seriam impossíveis de serem vividos.” (Oliveira, 2022, p. 68).



## REFERÊNCIAS

ALMADA, Jhonatan. **O lugar da arte**: a presença de salas de arte em escolas brasileiras. São Luís: CIEPP, 2024. Disponível em: [https://www.ciepp.org/\\_files/ugd/25b93e\\_452c8ef8542f4b5fa9d2d566024595e8.pdf](https://www.ciepp.org/_files/ugd/25b93e_452c8ef8542f4b5fa9d2d566024595e8.pdf). Acesso em: 10 set. 2025.

ALVES, Rubem. **Conversas com quem gosta de ensinar**: (+ qualidade total na educação). 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 2001.

BARBIERI, Stela. A atenção imersa na distração. **Ayvu**: Revista de Psicologia, v. 5, n. 1, p. 245 a 256, 2018. Disponível em: <https://stelabarbieri.com.br/SB-A-ATENCAO-IMERSA-NA-DISTRACAO>. Acesso em: 29 set. 2025.

BARBIERI, Stela. **Territórios em transformação**. 2. ed. São Paulo: Binah, 2024.

BARBIERI, Stela. **Territórios da invenção**: ateliê em movimento. 1. ed. São Paulo: Jujuba, 2021.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 1971. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l5692.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5692.htm). Acesso em: 09 set. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CANDITO, Vanessa; MENEZES, Karla Mendonça; RODRIGUES, Carolina Braza Carlan; SOARES, Felix Alexandre Antunes. O uso da Cartilha Pedagógica como ferramenta de ensino: fortalecendo a Pesquisa Escolar e a Formação de Professores. **Educitec**: Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus-AM, v. 11, p. e244225, 2025. DOI: 10.31417/educitec.v11.2442. Disponível em: <https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/2442/1217>. Acesso em: 10 out. 2025.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. PESQUISA QUALITATIVA: ANÁLISE DE DISCURSO VERSUS ANÁLISE DE CONTEÚDO. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis-SC, v. 15, n. 4, p. 679 a 684, out. a dez., 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/9VBbHT3qxByvFCTbZDZHgNP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2025.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka por uma literatura menor**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DINIZ, Debora. **Carta de uma orientadora**: sobre pesquisa e escrita acadêmica. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). **As cem linguagens da criança**: A experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. v. 2.

FACCO, Marta Lucia Cargnin. Reflexões sobre o ateliê como lugar/espço em processos de criação em Artes Visuais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria-RS, v. 10, n. 2, p. 213 a 227, maio a ago., 2017. DOI: 10.5902/1983734826890. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/26890>. Acesso em: 20 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da prisão. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FUSARI, Maria. F. de Rezende e; FERRAZ, Maria Heloisa. C. de T. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma Educação Menor. **Educação e Realidade**, [Porto Alegre-RS], v. 27, n. 2, p. 169 a 178, jul. a dez, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926>. Acesso em: 28 set. 2025.

GALLO, Sílvio; MONTEIRO, Alexandrina. Educação menor como dispositivo potencializador de uma escola outra. **REMATEC**: Revista de Matemática, Ensino e Cultura, Belém-PA, v. 15, n. 33, p. 185 a 200, 2020. DOI: 10.37084/REMATEC.1980-3141.2020.n33.p185-200.id228. Disponível em: <https://www.rematec.net.br/index.php/rematec/article/view/147>. Acesso em: 28 set.. 2025.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles (org.). **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

LACAZ, A. Conversa. Entrevistadores: Kiko Farkas; Rico Lins; Marcelo Machado. **Catálogo da exposição "Guto Lacaz: Cheque Mate" - Itaú Cultural**, São Paulo, p. 225, dez. 2024. Disponível em: [https://issuu.com/itaucultural/docs/catalogo\\_gutolacaz](https://issuu.com/itaucultural/docs/catalogo_gutolacaz). Acesso em: 18 ago. 2025.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], n. 19, p. 20 a 28, jan. a abr., 2002. DOI: 10.1590/S1413-24782002000100003 . Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt>. Acesso em: 15 jan. 2024.

LEAL, Carlos (ed.); GUNTILI, Reto; SIMÕES, Agi. **Ateliês do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Pactual. 2003.

MARX, Karl. **O Capital**: Crítica da Economia Política: Livro primeiro - O processo de produção do capital. São Paulo: Nova Cultural, 1996. v. 1.

MORAIS, Marcia; KASTRUP, Virgínia (org.). **Exercícios de ver e não ver**: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau, 2010.

NEVES, Bianca. **Relatos de experiências e estética no ateliê**: narrativas e o processo de desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil. Orientadora: Rita Bredariolli. 2021. Dissertação (Mestrado em Arte-Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216027>. Acesso em: 03 mar. 2025.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

OLIVEIRA, Fernanda Roberta de. **ATELIÊ (DES)EDUCADOR**. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/81078>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1993.

REGGIO Children. **The municipal infant-toddler centers and preschools of Reggio Emilia: Historical notes and general information**. Reggio Emilia: *Municipal Infant-Toddler Centers and Preschools of Reggio Emilia*, 2010.

REIS-ALVES, Luiz Augusto dos. O conceito de lugar. **Vitruvius**, São Paulo, ano 8, ago., 2007. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.087/225/>. Acesso em: 30 set. 2025.

SILVA, Deonísio da. **A vida íntima das palavras**: origens e curiosidades da língua portuguesa. São Paulo: Arx, 2002.

SILVA, Fernanda Pequeno da. Ateliês Contemporâneos: possibilidades e problematizações. **Anais do 56º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas**, Rio de Janeiro, p. 59 a 73, 2011. Disponível em: [https://anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda\\_pequeno\\_da\\_silva.pdf](https://anpap.org.br/anais/2011/pdf/cc/fernanda_pequeno_da_silva.pdf). Acesso em: 20 set. 2025.

SILVA, Vanessa de Oliveira. **UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA**: Possibilidades e Desafios. Orientadora: Eliane Patrícia Grandini Serrano. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255864>. Acesso em: 15 out. 2025.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: Estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Londrina, PR: Eduep, 2012.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **PENSAMENTO E LINGUAGEM**. Ed. Ridendo Castigat Mores. [s. l.]: eBooksBrasil, 2013. *E-book*. Disponível em: [https://estudosdotrabalho.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/vygotsky\\_pensamento-e-linguagem.pdf](https://estudosdotrabalho.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/03/vygotsky_pensamento-e-linguagem.pdf). Acesso em: 15 set. 2025.

ZORDAN, Paola. ATELIÊ COMO PRÁTICA DE LIBERDADE. **Palíndromo**, Florianópolis-SC, v. 11, n. 25, p. 50 a 63, set. a dez., 2019. DOI: 10.5965/2175234611252019050. Disponível em: <https://periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/14771>. Acesso em: 20 set. 2025.

### REFERÊNCIAS EM NOTAS DE RODAPÉ

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 10 set. 2025.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **READY-MADE**. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termos/80193-ready-made>. Acesso em: 14 nov. 2025.

FIGUEIREDO, Flora Sipahi Pires Martins. **Atelieristas**: da célula atelier ao corpo atelier. Orientadora: Rita Luciana Berti Bredariolli. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/128053>. Acesso em: 25 nov. 2024.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

THOMÉ, Ricardo. Filmes exploram as relações entre as rochas e a vida humana. **JORNAL DA USP**, [São Paulo], 26 fev. 2024. Cultura. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/filmes-exploram-as-relacoes-entre-as-rochas-e-a-vida-humana/>. Acesso em: 16 nov. 2025.

## REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

ALMADA, Jhonatan. **O lugar da arte**: a presença de salas de arte em escolas brasileiras. São Luís: CIEPP, 2024. 3 gráficos e 1 quadro (baseados na referência). Disponível em:  
[https://www.ciepp.org/\\_files/ugd/25b93e\\_452c8ef8542f4b5fa9d2d566024595e8.pdf](https://www.ciepp.org/_files/ugd/25b93e_452c8ef8542f4b5fa9d2d566024595e8.pdf). Acesso em: 10 set. 2025.

BARBIERI, Stela. **Territórios da Invenção**: Ateliê em Movimento. 2021. 2 montagens de fotografias.

BARBIERI, Stela. **Territórios em Transformação**. 2024. 1 montagem de fotografias e 16 fotografias.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. 1 fluxograma (baseados na referência).

BARRIO, Artur; MOTTA, Cristina. **Artur Barrio e a Física Enquanto ARTE / 2018 / 2020 / 2021....** 03 set. 2021. 1 fotografia. Disponível em:  
<https://arturbarrio-trabalhos.blogspot.com/2021/09/artur-barrio-e-fisica-enquanto-arte.html>. Acesso em: 26 set. 2025.

ECKENFELS, Eduardo. **Cildo Meireles, Desvio para o vermelho I**: Impregnação, 1967-84. s/d. 1 fotografia. Disponível em:  
<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/galeria-cildo-meireles/>. Acesso em: 27 set. 2025.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. **As cem linguagens da criança**: A experiência de Reggio Emilia em transformação. Vol. 2. 2016. 2 fotografias.

GANDINI, Lella; HILL, Lynn; CADWELL, Louise; SCHWALL, Charles. **O papel do ateliê na educação infantil**: a inspiração de Reggio Emilia. 2012. 2 fotografias.

GLOAGUEN, Herve. **Andy Warhol In His Factory In New York, United States In 1966**. 01 jan. 1966. 1 fotografia. Disponível em:  
<https://www.gettyimages.com.br/detail/foto-jornal%C3%ADstica/andy-warhol-in-his-factory-in-new-york-united-states-foto-jornal%C3%ADstica/120450044?adppopup=true>. Acesso em: 27 set. 2025.

GOMES, William. **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Cosmococa/CC2 Onobject, 1973**. s/d. 1 fotografia. Disponível em:  
<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/cosmococa-cc2-onobject/>. Acesso em: 26 set. 2025.

GOMES, William. **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Cosmococa/CC4 Nocagions, 1973**. s/d. 1 fotografia. Disponível em:  
<https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/cosmococa-cc4-nocagions/>. Acesso em: 26 set. 2025.

HANSEN, Spencer. **Heather Hansen at Ochi Gallery**. 2014. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.thisiscolossal.com/2014/01/emptied-gestures-heather-hansen/>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MAC USP (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo). **Flávio de Carvalho**: Minha mãe morrendo (nº 5), 1947. 1963. 1 desenho, carvão sobre papel, 68,4 cm x 51,3 cm. Acervo MAC USP. Disponível em: <https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/17199>. Acesso em: 12 nov. 2025.

MANSUR, Daniel. **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Cosmococa/CC1 Trashiscapes, 1973**. s/d. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/cosmococa-cc1-trashiscapes/>. Acesso em: 26 set. 2025.

MANSUR, Daniel. **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Cosmococa/CC3 Maileryn, 1973**. s/d. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/cosmococa-cc3-maileryn/>. Acesso em: 26 set. 2025.

MASTERWORKS Fine Art Gallery. **Andy Warhol's The Factory**. [1970]. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.masterworksfineart.com/bio/andy-warhols-the-factory>. Acesso em: 27 set. 2025.

NEVES, Bianca. **Relatos de experiências e estética no ateliê**: narrativas e o processo de desenvolvimento e aprendizagem na educação infantil. Orientadora: Rita Bredariolli. 2021. Dissertação (Mestrado em Arte-Educação) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2021. 6 fotografias. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/216027>. Acesso em: 03 out. 2025.

OLIVEIRA, Fernanda Roberta de. **ATELIÊ (DES)EDUCADOR**. Orientadora: Kátia Maria Kasper. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022. 2 fotografias modificadas (costuradas). Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/81078>. Acesso em: 10 out. 2025.

PIMENTEL, Humberto; FARKAS, Kiko; ITAÚ Cultural. **Registros do Ateliê de Guto Lacaz**. [2024]. 5 fotografias. Disponível em: [https://issuu.com/itaucultural/docs/catalogo\\_gutolacaz](https://issuu.com/itaucultural/docs/catalogo_gutolacaz). Acesso em: 27 set. 2025.

SÁVIO, Eugenio. **Hélio Oiticica e Neville D'Almeida, Cosmococa/CC5 Hendrix-War, 1973**. s/d. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.inhotim.org.br/item-do-acervo/cosmococa-cc5-hendrix-war/>. Acesso em: 26 set. 2025.

SILVA, Vanessa de Oliveira. **UM ATELIÊ EM MOVIMENTO PELA ESCOLA**: Possibilidades e Desafios. Orientadora: Eliane Patrícia Grandini Serrano. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2024. 4 fotografias. Disponível em: <https://hdl.handle.net/11449/255864>. Acesso em: 15 out. 2025.

VEJA Rio. **Desenhos animados**: Artista sul-africano exhibe no Instituto Moreira Salles os vídeos que o tornaram famoso. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <https://vejario.abril.com.br/cidade/william-kentridge/>. Acesso em: 12 nov. 2025.



## **APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa “UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE-EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIÊ”. O motivo que me leva a realizar esta pesquisa é conhecer o cenário de ensino de artes bauruense e investigar as práticas existentes em sala de aula. Nesta pesquisa, pretendo apresentar um outro caminho para compor a arte-educação: a possibilidade de pensar a educação de arte brasileira a partir da perspectiva de Estado de Ateliê, na qual a aprendizagem se baseia por meio de experiências e investigações por parte do protagonismo dos educandos. O ateliê tem como parte fundamental cinco pilares – tempo, espaço, materialidade, corpo e linguagens – que, pensadas na arte-educação, podem criar experiências estéticas relevantes, estimulando a invenção, imaginação e criatividade dos educandos.

Caso você concorde em participar, vou fazer a seguinte atividade com você: participação em um questionário a fim de coletar dados do ensino de arte de Bauru, para que posteriores análises possam ser realizadas. Esta pesquisa tem alguns riscos, como uma falsa noção do cenário atual do ensino de artes de Bauru e/ou comprometimento de informações. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, solicito que as respostas sejam sinceras e fiéis à realidade do chão da escola bauruense e proponho um questionário com perguntas anônimas e dados não sensíveis. A pesquisa pode ajudar arte-educadores em sua formação continuada, apresentando o conceito de Estado de Ateliê e suas possibilidades à Arte-Educação.

Para participar deste estudo, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano devido à atividade que fiz com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o

material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, segundo a legislação vigente. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

## APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DA PESQUISA



### Pesquisa sobre Ateliê e Arte-Educação de Bauru

Este formulário faz parte de uma pesquisa de TCC e pretende compreender como arte-educadores de Bauru pensam e vivenciam questões relacionadas ao **Ateliê** e **Estado de Ateliê** em suas práticas pedagógicas. Sua contribuição é fundamental para análise e reflexão acerca das possibilidades e desafios nas escolas brasileiras.

Todas as respostas são anônimas e usadas apenas para fins acadêmicos. Em caso de dúvidas, pode entrar em contato em: [kiani.kawano@unesp.br](mailto:kiani.kawano@unesp.br).

\* Indica uma pergunta obrigatória

#### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Gostaríamos de convidar você a participar como voluntário (a) da pesquisa **"UM OUTRO CAMINHO PARA A ARTE EDUCAÇÃO: O ESTADO DE ATELIE"**. O motivo que me leva a realizar esta pesquisa é conhecer o cenário de ensino de artes bauruense e investigar as práticas existentes em sala de aula. Nesta pesquisa, pretendo apresentar um outro caminho para compor a arte educação: a possibilidade de pensar a educação de arte brasileira a partir da perspectiva de Estado de Ateliê, na qual a aprendizagem se baseia por meio de experiências e investigações por parte do protagonismo dos educandos. O ateliê tem como parte fundamental cinco pilares - tempo, espaço, materialidade, corpo e linguagens - que, pensadas na arte educação, podem criar experiências estéticas relevantes, estimulando a invenção, imaginação e criatividade dos educandos.

Caso você concorde em participar, vou fazer a seguinte atividade com você: participação em um questionário a fim de coletar dados do ensino de arte de Bauru, para que posteriores análises possam ser realizadas. Esta pesquisa tem alguns riscos, como uma falsa noção do cenário atual do ensino de artes de Bauru e/ou comprometimento de informações. Mas, para diminuir a chance desses riscos acontecerem, solicito que as respostas sejam sinceras e fiéis à realidade do chão da escola bauruense e proponho um questionário com perguntas anônimas e dados não sensíveis. A pesquisa pode ajudar arte-educadores em sua formação continuada, apresentando o conceito de Estado de Ateliê e suas possibilidades à Arte Educação.

Para participar deste estudo, você não vai ter nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, se você tiver algum dano devido à atividade que fiz com você nesta pesquisa, você tem direito a indenização. Você terá todas as informações que quiser sobre esta pesquisa e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Mesmo que você queira participar agora, você pode voltar atrás ou parar de participar a qualquer momento. A sua participação é voluntária e o fato de não querer participar não vai trazer qualquer penalidade ou mudança na forma em que você é atendido (a). O pesquisador não vai divulgar seu nome. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar.

Os dados coletados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora responsável por um período de 5 (cinco) anos. Decorrido este tempo, a pesquisadora avaliará os documentos para a sua destinação final, segundo a legislação vigente. A pesquisadora tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo à legislação brasileira (Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos e científicos.

☐ Declaro que concordo em participar da pesquisa e que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as...

#### Seção 2 de 5

Perfil do Educador (a)

Descrição (opcional)

Qual é sua formação acadêmica? \*

- ☐ Licenciatura em Artes Visuais
- ☐ Licenciatura em Dança
- ☐ Licenciatura em Música
- ☐ Licenciatura em Artes Cênicas
- ☐ Pedagogia
- ☐ Outro: \_\_\_\_\_

Há quanto tempo atua como professor? \*

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ 1 a 5 anos
- ☐ 6 a 10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

Em qual etapa de Ensino, você atua? \*

- ☐ Educação Infantil
- ☐ Ensino Fundamental I
- ☐ Ensino Fundamental II
- ☐ Ensino Médio
- ☐ EJA

Em qual rede de ensino você atua? \*

- ☐ Pública Municipal
- ☐ Pública Estadual
- ☐ Privada

Seção 3 de 5

Práticas de Arte e Ateliê

Descrição (opcional)

Em sua escola, você possui uma sala de Arte ou um Ateliê?

☐ Sim, a escola possui sala de Arte
 ☐ Sim, a escola possui Ateliê
 ☐ Sim, a escola possui sala de Arte e Ateliê
 ☐ Não

Quais materiais você mais utiliza em suas aulas de arte? De que forma costuma explorá-los com os educandos?

Texto de resposta longa

...

Como você compreende e organiza o tempo em suas aulas de arte?

Texto de resposta longa

Como você organiza o espaço em suas aulas de Arte?

Texto de resposta longa

Você já ouviu falar no conceito de Estado de Ateliê/Ateliê na arte educação? \*

O ateliê deve ser entendido não apenas como um espaço físico, mas como um **estado**: uma vivência que promove investigações, através da experimentação e relação com o corpo e presença (sentidos), materialidades, espaço, tempo e linguagens.

☐ Sim
 ☐ Não
 ☐ Já ouvi, mas não conheço com profundidade

Você sente que a escola em que atua oferece condições adequadas para um trabalho mais experimental em Arte (materiais, espaço, tempo, apoio)? \*

☐ Sim
 ☐ Parcialmente
 ☐ Não

Na sua rede de ensino, existe algum espaço de formação continuada voltado para práticas educativas em arte?

☐ Sim
 ☐ Não
 ☐ Não sei dizer

Você considera importante uma formação específica em ateliê para professores?

☐ Sim
 ☐ Não
 ☐ Não sei dizer

Após a seção 3 Continuar para a próxima seção

Seção 4 de 5

Desafios

Descrição (opcional)

Quais são os principais desafios que você encontra para desenvolver propostas investigativas e processuais em Arte?

Texto de resposta longa

Após a seção 4 Continuar para a próxima seção

Seção 5 de 5

Fim do Questionário

Muito obrigada pela sua colaboração! ❤️

Sua resposta ajudará a refletir sobre caminhos possíveis para uma outra educação em Arte.



APÊNDICE C – MATERIAL EDUCATIVO FRENTE E VERSO

**Este material é uma pequena travessia, uma farsa que convida a olhar o ateliê para além das paredes como uma forma de ver o mundo, em que o aprender se tem em processo. Ele não pretende minuciar, mas provocar: abrir brechas, despertar curiosidades e oferecer outras visões à arte-educação.**

Historicamente, o ateliê foi o espaço dos oficiais – lugar de artistas e artesãos, onde se aprendia pela convivência e pela prática. Com o tempo, transformou-se em território educativo, dedicado à pesquisa, à experimentação e à sensibilização estética. Contudo, poucas escolas brasileiras contam com ateliês ou mesmo com uma sala destinada às artes, o que torna necessário repensar a prática pedagógica artística para além da estrutura física.

Por isso, esse material propõe pensar a arte-educação a partir do estado de ateliê – ultrapassas o espaço e se manifestando como uma forma de estar e de se relacionar com o mundo. É o estado de presença e de encontro com a experiência, em que educadores e educandos se permitem criar, inventar e sentir, atentos às sutilezas e aos movimentos da vida.

Para aguar esse estado e promover contextos de invenção e imaginação, é fundamental refletir as práticas educativas a partir de cinco pilares que sustentam o fazer artístico e pedagógico: **espaço, tempo, materialidade, linguagens e corpo.**

**ATELIÊ E ESTADO DE ATELIÊ: UM CONVITE À EXPERIÊNCIA**

**ESPAÇO**

Ao nos debruçarmos sobre a geografia escolar, precisamos levar em conta todos os objetos presentes no território – espaços habitados pelos educandos e educadores – pois esses objetos podem ser mais ou menos complexos as experiências educativas. (Barbieri, 2024)

**feito por Kiani Kawano**

**Este material é fruto de um trabalho de conclusão de curso. Para vê-lo na íntegra, escaneie o QR Code ao lado.**



**REFERÊNCIAS**

BARBIERI, Sula. Territórios em transformação. 2. ed. São Paulo: Branch, 2024.

NEVES, Bianna. Relatos de experiências e estéticas no ateliê narrativas e o processo de desmonte e aprendizagem na prática pedagógica. In: Anais do 1º Seminário de Arte e Educação – UNESP, São Paulo, 2021.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, n. 31, p. 13-20 a 34, Jan. e Abr., 2001. DOI: 10.1590/S0339-36132001000000003.

**MATERIALIDADE**

Pensar os materiais, objetos e até ferramentas que escolhemos para compor a prática.

Cada material tem características próprias, sejam elas físicas, químicas e/ou biológicas e que podem também ser mais ou menos complexos as experiências educativas e modificação.

Podemos e devemos refletir sobre quais contextos estes elementos convocam, quais hierarquias escondem, quais contrastes podemos criar ao trazer materiais distintos num mesmo contexto.

**CORPO**

Diferente dos adultos que tendem a separar a mente do corpo, as crianças sentem seu corpo de forma integrada e tem uma relação diferente de descobertas com ele. Desta maneira, ao pensarmos nos contextos pedagógicos, podemos refletir acerca dos diferentes sentidos que podemos trabalhar, sejam de forma concomitante ou em ocasiões distintas, seja despertando sensações ou então provocando movimentos.

Mais importante que definir o ateliê, é estar em estado de ateliê aberto ao que acontece, atento às sutilezas, disponível ao encontro.

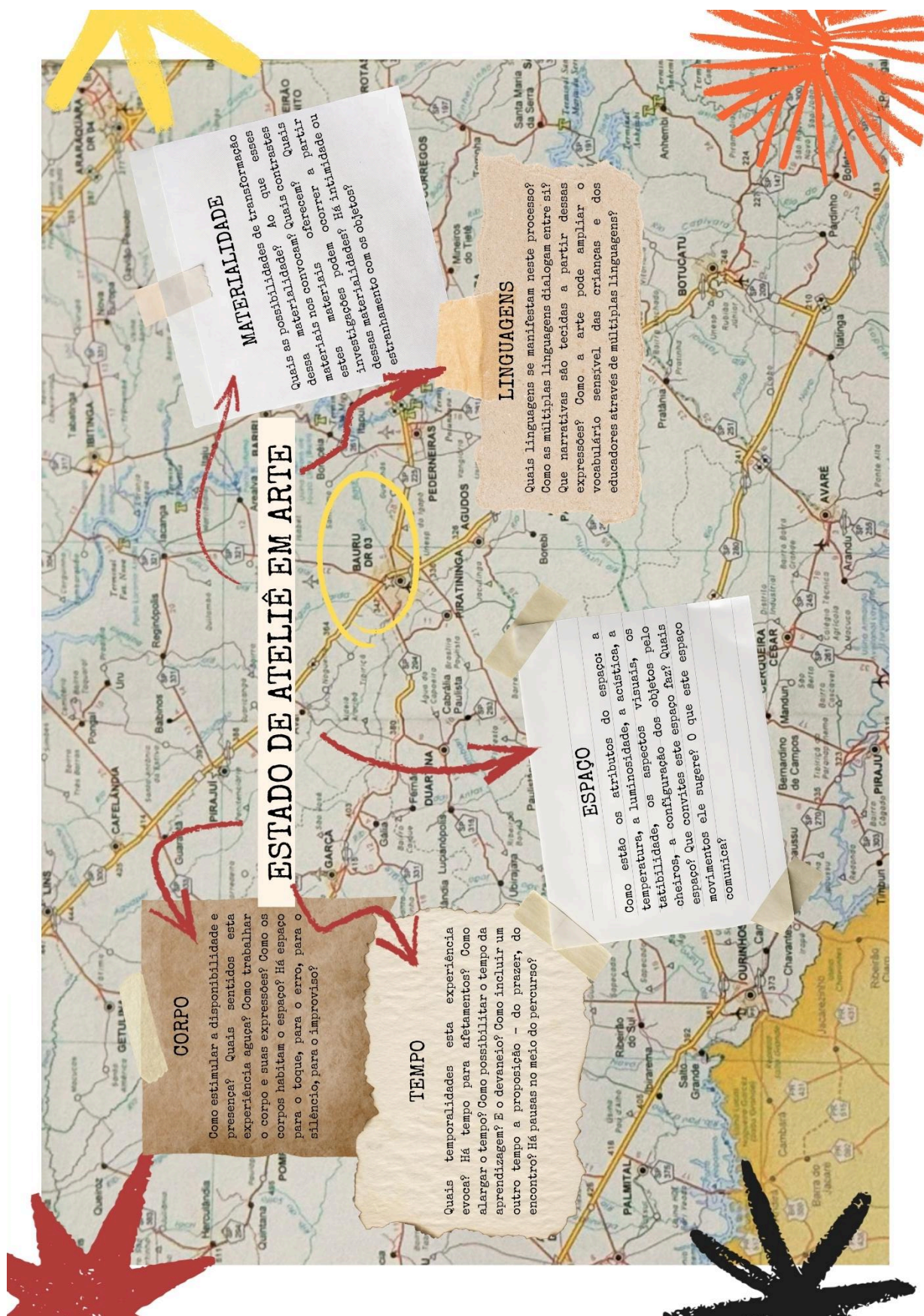
**TEMPO**

O tempo da experiência é diferente do tempo do relógio – ele tem um outro ritmo – e nos exige um desacelerar. (Larrosa, 2002) É assim também é o tempo da aprendizagem – não linear e tão pouco controlável, sobretudo no que diz respeito às crianças. É necessário que intencionalmente e conscientemente devolvamos à prática educativa o tempo do encontro, do devaneio, do prazer, da presença, do sentir, que se grava no corpo e marca a gente.

**LINGUAGENS**

Pensar a aprendizagem da criança através das múltiplas linguagens que elas possuem e ter o ateliê como este lugar, em que pode-se explorar as em uma atmosfera propícia. A arte atua como uma conexão entre várias linguagens, possibilitando aos educandos expressarem-se das mais diversas formas, seja através de ritmos, cores, sons, traços, pontos, linhas, massas, etc, e potencializando a relação e trocas entre o sujeito e o mundo. (Neves, 2021)





## ANEXO A – AS CEM LINGUAGENS DA CRIANÇA

De jeito nenhum. As cem estão lá

A criança

é feita de cem.

A criança tem

cem linguagens

e cem mãos

cem pensamentos

cem maneiras de pensar

de brincar e de falar.

Cem e sempre cem

modos de escutar

de se maravilhar, de amar

cem alegrias

para cantar e compreender

cem mundos

para descobrir

cem mundos

para inventar

cem mundos

para sonhar.

A criança tem

cem linguagens

(mais cem, cem e cem)

mas roubam-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura

lhe separam a cabeça do corpo.

Dizem à criança:

de pensar sem as mãos

de fazer sem a cabeça

de escutar e não falar

de compreender sem alegria

de amar e maravilhar-se

só na Páscoa e no Natal.

Dizem à criança:

de descobrir o mundo que já existe

e de cem

roubam-lhe noventa e nove.

Dizem à criança:

que o jogo e o trabalho,

a realidade e a fantasia,

a ciência e a imaginação,

o céu e a terra,

a razão e o sonho

são coisas

que não estão juntas.

E assim dizem à criança

que as cem não existem.

A criança diz:

De jeito nenhum. As cem existem.

Loris Malaguzzi, Traduzido por Lella Gandini (Edwards; Gandini; Forman, 2016, p. 21)



## ANEXO B – CARTA DE UM ATELIÊ

25 de agosto de 2021

Depois de ser ocupado novamente pelo apreciador de Jackson Pollock, resolvi tentar algo diferente. Ele queria estar ali, ver todo o canto do ateliê mudar de cor. Peguei papéis, fita crepe e as bisnagas de tinta azul, vermelha e branca. Coloquei o material no ateliê móvel e o carreguei para outra sala. Forrei o chão e avisei a todos que precisaríamos de tempo. A sala estava pronta e o convidei para entrar. Comecei o que seria a proposição: joguei tinta sobre os papéis, assim como Pollock, e entendi esse desejo em pintar o espaço. Ele olhou para mim, com a cabeça fiz o sinal de sim. Seus pés dançavam sobre a tinta. Tudo ficou violeta. Pegadas cobriam as pegadas. O espelho da sala refletia a dança. O chão forrado e a tinta jogada estavam próximos ao seu reflexo. Seus olhos olhavam os seus olhos e refletidos enquanto seu corpo movimentava-se sobre as cores. Percebeu que poderia carimbar a sua imagem, pintar o seu corpo-imagético sem pintar a si. Ele deu cor ao seu reflexo. As mãos reais encostaram as virtuais. Quatro mãos pintavam esse outro lugar. Na intenção de colorir o reflexo do seu rosto, se deu conta que não era mais possível se ver. Inclinou a cabeça para se ~~ver~~ encontrar. Uma breve troca de olhares. Novamente sua mão pintou sua visão. Os dedos tentam se achar enquanto o espelho vai sendo preenchido, por tinta e por um outro lugar. Com as bisnagas vazias, entrego um pano molhado na intenção de limpar o espaço. A água escorre pelo espelho e novamente ele se vê, mas agora a imagem é de um corpo-violeta. Cores moventes, manchas flutuantes. Imagens, ações. Imaginações. Espaço.